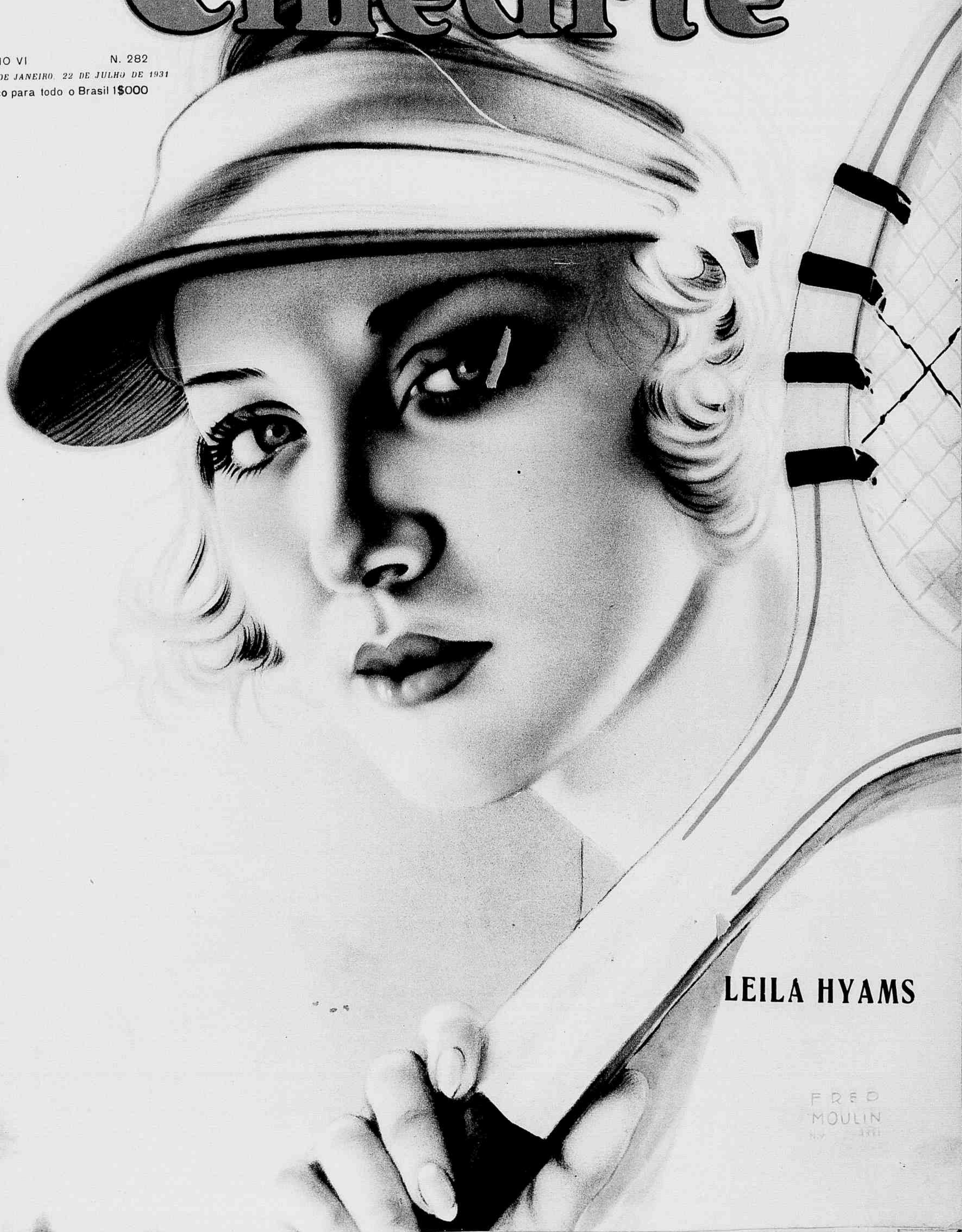
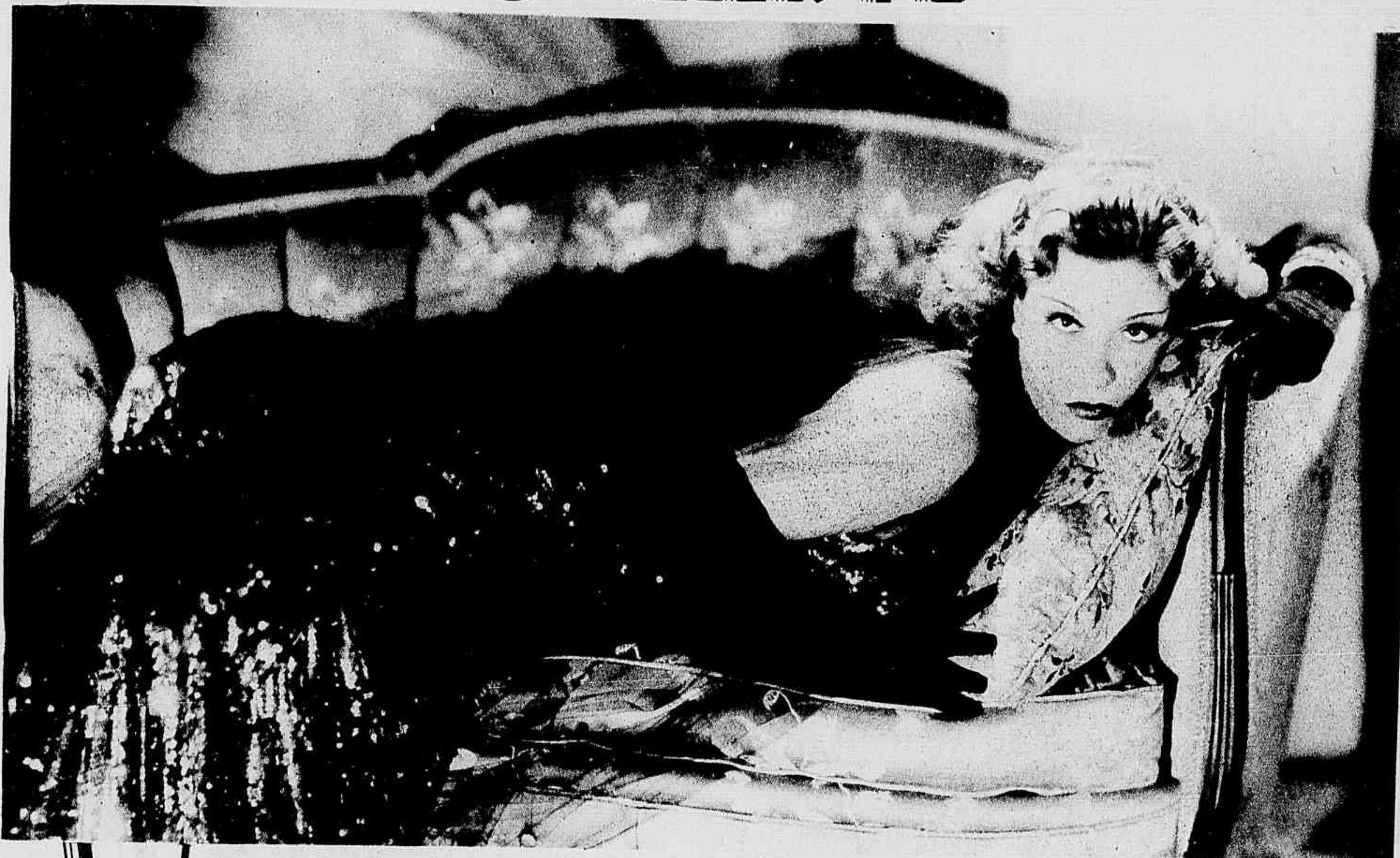
Cinearte

ANNO VI N. 282
RIO DE JANEIRO, 22 DE JULHO DE 1931
Preço para todo o Brasil 1$000

LEILA HYAMS

FRED MOULIN

MARY ASTOR
CINEARTE

CINEARTE

L I L Y . . .

VIVEMOS nós a nos queixar de que a Argentina, a nosquerida, muito prezada vizinha do Sul, anda querendo atrapalhar-nos a vida, carregando a mão sôbre os impostos que incidem sôbre o nosso mate e as nossas laranjas.

Parecia que era de proposito e não faltou quem aconselhasse represalias ao nosso governo, aumentando as taxas sôbre o trigo argentino, sôbre as frutas argentinas (que estas apesar do importador no-las impingir pêlos olhos da cara, entram livres de direitos) sôbre todos os produtos argentinos enfim, levando em conta que essas represalias tirariam aos nossos vizinhos uma freguezia bastante ponderavel.

Com a leitura das revistas profissionais do Prata vemos que não houve propositos de taxar os artigos do Brasil.

Urgidos por uma crise financeira terrivel o ministro da fazenda do governo ditatorial agravou um sem numero de taxas, entre elas a que pesava sôbre os films estrangeiros.

Os importadores assombraram-se e não era para menos.

O aumento era de tal sorte que antes de qualquer iniciativa foram suspensas todas as encomendas de novos films, cancelados inumeros contratos, e suspensos os anúncios de novas estréas.

A associação dos cinematografistas argentinos reuniu-se permanentemente para cuidar dos interesses da classe. (Se fosse aqui a reunião seria para falar mal de "Cinearte").

E, depois de varias entrevistas da comissão de representantes da classe com o ministro da fazenda, foi acordado o seguinte:

A.) O film sonoro, sistema Movietone (som impresso no proprio film) pagará de direitos *quatro pesos e quarenta centavos ouro* (mais ou menos sessenta mil réis) por quilo, isso para a primeira cópia e um peso por quilo das cópias subsequentes (o preço anterior era de 2 pesos por quilo em qualquer quantidade de cópias).

B.) O film sonoro sistema Vitafone (som impresso em discos) ou mudo pagará $2.80 ouro por quilo da 1.ª cópia (mais ou menos 36$000) e $1.0 as seguintes. (O preço anterior era de $2.0 por quilo.

C.) O fisco perceberá, em carater geral, como direito real de importação de films 20 *por cento* sôbre os lucros que cada distribuidor obtenha em seus balanços pêla exploração dos films importados, computados para ésses 20 por cento as somas pagas á Alfandega como taxas de importação.

E' a *vintena* estabelecida sôbre o cinema pelo Estado; o *quinto* extorquido pêlo fisco da exploração dessas novas minas.

Essa taxa aduaneira, dará, segundo os cálculos orçamentarios um aumento de $2.137.248 somente sôbre films, cêrca de 10 por cento sôbre o total de aumentos.

Esses numeros mostram como o espetaculo cinematografico constitue forte de renda para os nossos vizinhos.

E isso de que tratamos refere-se apenas ao fisco federal. Leve-se em conta o que por seu lado do cinema arranca o fisco municipal e ver-se-á a contribuição como avulta.

Nossas taxas são muito mais modestas do que as dos argentinos que parece quererem matar a galinha dos ovos de ouro ao envez de explorar-lhe apenas a produção.

Os cinematografistas argentinos sujeitaram-se (pudera!) ao extorsivo aumento. Em breve o publico passará a sentir ésses aumento através do preço das entradas.

Porque no fim de contas é o pobre Zé Pagante a vitima das aperturas do fisco.

Cinema do Brasil

"Iracema", que tem como interpretes Ronaldo de Alencar, Dora Fely e Irene Rudner vai ser exibido no Cinema Eldorado.

+ + +

"Anchieta entre o amor e a religião", outro film de S. Paulo, da Luz Arte Film onde apparecem Dino Greí e a interessante Irene Rudner, está em exibição no Rio, no Cinema Parisiense. Temos assim este mez, duas producções brasileiras em cartaz.

+ + +

O elenco de "Mulher..." esta producção da Cinédia já tão commentada e discutida, é composto de elementos naturaes de varios Estados do Brasil e alguns mesmo estrangeiros.

Carmen Violeta, por exemplo, a interessante e formosa estrela, nasceu em Sant-Ana do Livramento, lá no Rio Grande do Sul. Carmen é gaúcha mas com a voz languida e a elegancia de uma carioca. Ella foi mesmo educada no Rio.

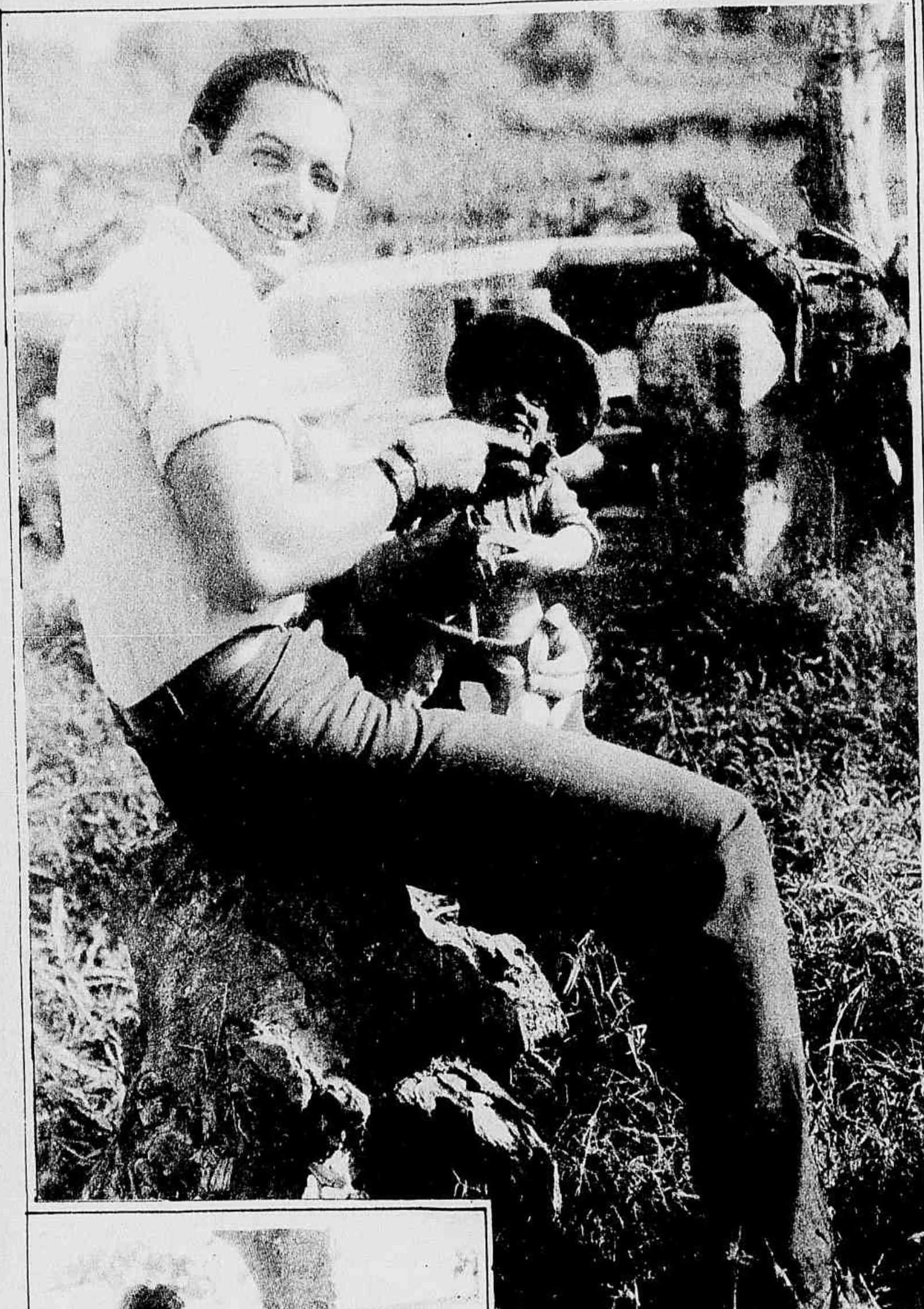
Ruth Gentil um dos encantos inebriantes de "Mulher..." Ruth nasceu em Varsovia, Polonia. Está ha 5 annos no Brasil por que tem adoração. Ruth é linda e sua elegancia é qualquer cousa do outro mundo. Gina Cavalieri, tão viva e tão interessante, já declarou que nasceu no Rio. Mas alguns teimam que nasceu em S. Paulo. Outros ainda que é da Baía... E' uma questão já complicada e não seria conveniente insistir...

Alda Rios é outra seducção do film. Nasceu em Porto, Portugal. Mas foi educadada no Brasil. Mimosa, elegante e bonita é uma figurinha interessantissima. Augusta Guimarães nasceu em Loanda, Africa Portugueza.

Celso Montenegro, a principal figura masculina do film, nasceu no Rio, mas foi educado e tem passado quasi toda sua vida em S. Paulo. Luiz Sorôa nasceu no Rio, mas foi educado em Espanha. Carlos Eugenio um otimo tipo, é de Curitiba, Paraná. Milton Marinho, uma figura athletica, é de Pelotas, Rio Grande do Sul. Ernani Augusto diz ter nascido em Portugal... Maximo Serrano, o eterno sentimental dos films, é de Friburgo, Estado do Rio. Humberto Mauro é mineiro. Flavio Lins é paulista. Decio Murilo que faz um pequeno papel é de Bagé, R. G. do Sul. Mario Moreno é de Pelotas, no mesmo Estado. Carlos Romano e Paulo Marra são do Rio. E para finalizar, Otavio Mendes, o diretor é de Ribeirão Bonito, S. Paulo.

ESTELA MARION, ESTRELA DE "MOCIDADE INCONCIENTE".

MILTON MARINHO E' UM DOS PRINCIPAIS DE 'GANGA BRUTA" QUE A CINÉDIA VAI COMEÇAR AGORA.

PAULO RIOS E' DO ELENCO DE "AURORA DO AMOR" DA LUX FILM.

AUGUSTA GUIMARÃES (VIRAM "LABIOS SEM BEIJOS?") E ALDA RIOS NO STUDIO DA CINÉDIA NUM DIA DE FILMAGEM DE "MULHER".

"Labios sem beijos", o film que Cinédia fez, durante sua organisação, a sua primeira producção, onde a nossa linda e exotica Lelita Rosa appareceu como estrela, e Paulo Morano como galã. "Labios sem beijos" que teve a direção de Humberto Mauro, alcançou o 1. logar entre diversas outras producções brasileiras, no concurso promovido pelo "Jornal do Brasil", afim de saber qual o melhor film brasileiro de 1930. O film-estréa da Cinédia, conquistou assim o bronze offerecido ao vencedor, pelo referido jornal.

O film brasileiro classificado em 2.° logar, foi "Sangue Mineiro", producção da Phebo Brasil Film, de Cataguezes, dirigido tambem por Humberto Mauro e interpretado como todos sabem, por Carmen Santos, Nita Ney, Luiz Sorôa, Pedro Fantol, Maximo Serrano, Mauri Bueno e outros.

+ + +

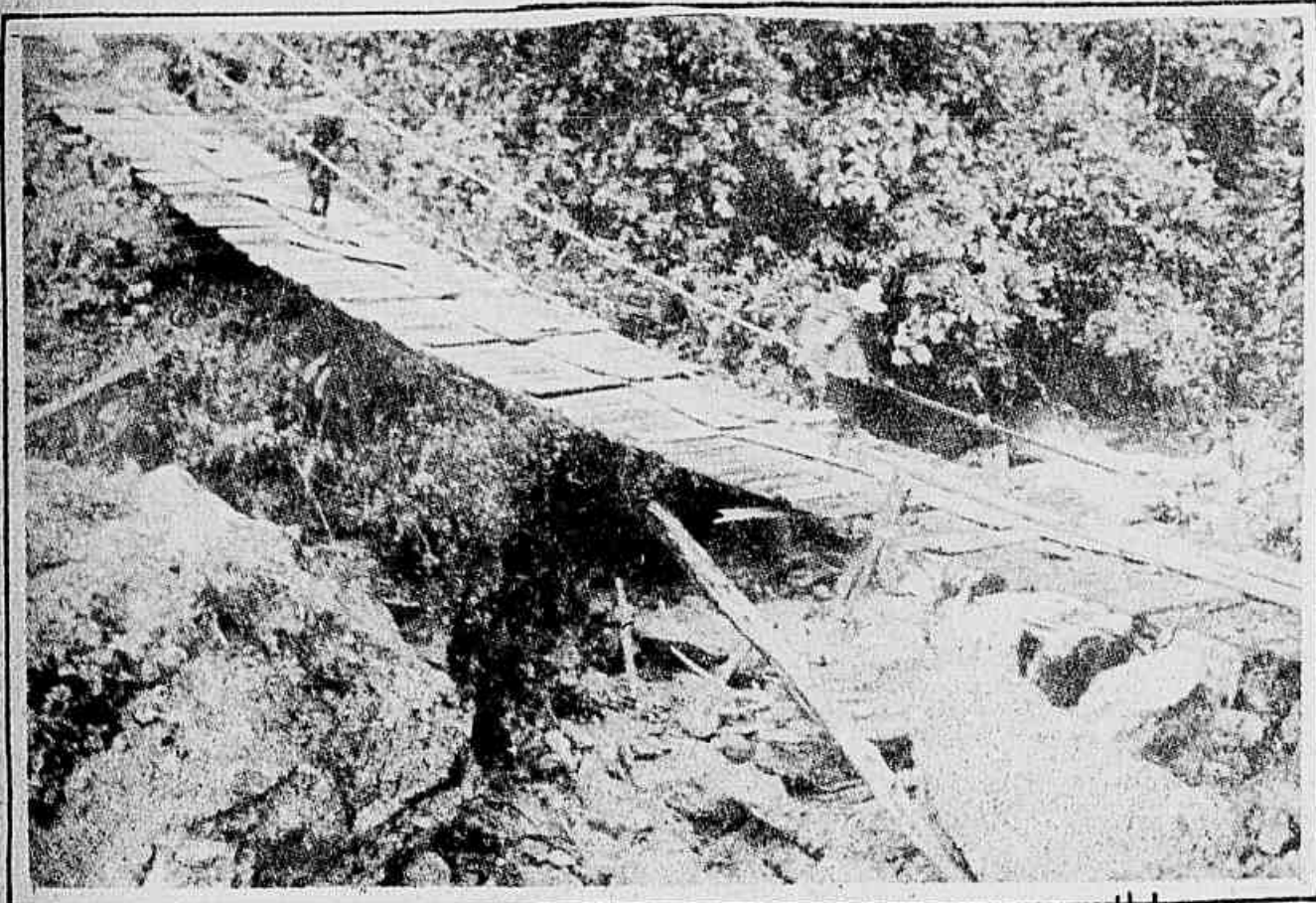
"Iracema", a 2.ª producção da Metropole, de S. Paulo, film calcado no popular romance de José de Alencar, foi exibido no Rio, em sessão especial, á qual compareceram jornalistas, diversos elementos do Cinema Brasileiro, e muitas outras pessoas.

Dino Grey

"Anchieta, entre o amor e a religião"

A. Dalvi

Dino e Irene Rudner

No Paiz do

Aos pés dos Andes, na descida do rio Putumayo.

(De **VÁS TINOCO**, representante especial de **CINEARTE** em Paris, Berlim e Londres).

Sentimos, nós Brasileiros, sem o querer, embora, um grande orgulho quando apreciamos a vitoria incontestavel de um patricio nosso, no estranjeiro, seja em que ramo de arte ou oficio fôr.

Alberto Cavalcanti, Brasileiro, do qual já nos ocupámos, aliás, numa entrevista que revelou alguma cousa que constituia quasi segredo, acaba de sincronizar o film **No País do Escalpo**, nos Studios da **Tobis Film**, em Paris, por conta da distribuidora C. U. C. (Compagnie Universelle Cinématographique) que, ultimamente se tem imposto pelos seus films **Cain**, de Léon Poirier, **Mor-vran**, de Jean Epstein, **La Petite Marchande d'Allumettes**, de Jean Renoir, entre outros.

Ha cêrca de cinco anos, incumbido pela C. U. C., o Marquês de Wawrin chefiou uma expedição que percorreu os Estados do Amazonas, no Brasil, Equador, Colombia e Perú, á cata de documentação filmada da vida dos incas, seus costumes, ritos, singularidades, etc. Ha seis meses regressou a mesma dessa missão espinhosa e trouxe, consigo, vinte mil metros de cenas em negativo filmadas, as mais interessantes e curiosas que lhe fôra dado colher.

Sempre trabalhando á luz de um sol tropical, não ha nada a desejar nesse trabalho geral. Wawrin, belga de nascimento, com suas **cameras**, foi bastante feliz, quer nos angulos que escolheu, para fotografar, quer no aspéto geral e curioso da narrativa filmada que trouxe.

Se de um lado esses vinte mil metros de trabalho de quatro anos vividos, não sabemos com que audacia, arrojo e ideal, não forem, definitivamente, uma conquista segura para o Cinema documentario, merece reparo, ainda acima de tudo isso, o esfôrço de Alberto Cavalcanti, o sincronizador do film, escolhido especialmente pela C. U. C., o unico homem que realmente se poderia sair bem da incumbencia, porque, como Brasileiro e, além disso, conhecedor do assunto, poderia, melhor do que qualquer outro que porventura aparecesse, fazer viver, musicalmente falando, o trabalho fotografico de Wawrin.

Recebidos, em nome de **CINEARTE**, com a maior das gentilezas, tivemos ocasião de fazer a melhor das nossas entrevistas, porquanto, para isso, nos exibiu Cavalcanti a parte já pronta do film no qual está trabalhando e já o suficiente para ajuizar do valôr do mesmo e, tambem, do merito daquêle patricio que está compilando as melodias e os sons.

No País do Escalpo vai ser um sucesso. Cavalcanti, pára êle, é — não se pêja de falar, porque faz irredutivel fé no seu vigôr e no seu sucesso. Em Paris o interesse em torno do mesmo já é grande e o Cine **Olimpia** e o **Collyseum** lutaram para conseguir as preferencias para as exibições proximas.

Brevemente fará a Exposição Colonial passar o film já concluido e, depois disso, correrá êle o seu curso normal pelos Cinemas da Cidade.

Por quasi duas horas estivemos como que nos tropicos, entre os incas, admirando o esplendido trabalho de Wawrin animado pela musica e pelo genio de Cavalcanti. A cena final que vimos, êsse dia, foi a mais cruel e terrivel

Nas ilhas do Guano, Perú. Grande quantidade de guanaias possam para a objetiva do Marquês...

de todas: a do escalpamento e redução das cabeças dos inimigos mortos pelos **jivaros**. Êles costumam reduzir a cabeça dos vencidos. Para isto ocupam escultores apropriados que a tribu possue e êles é que fazem com uma tremenda pericia o trabalho. Ha o auxilio da areia quente e, quando termina a função, a semelhança é perfeita, apenas em miniatura, do tamanho de um côco ou menor ainda.

Em nome de **CINEARTE** agradeci a Cavalcanti a gentileza da exibição especial para mim e, assim que me achei diante da minha mesa de trabalho, não consegui sossegar enquanto não lhes transmiti, leitores, estes meus julgamentos em torno do último esfôrço de Cavalcanti pelo Cinema.

Um indio da tribu Borós chama pelo tam-tam os outros para a guerra.

deu o melhor da sua alma de artista, porque, antes de mais nada, se apaixonou pelo tema e pelo tratamento fotografico do mesmo. A poesia das florestas, os costumes rudes, o ritmo das cascatas e dos riachos, tudo isso sincronizou êle com uma pericia inegualavel e unica. A musica dos **tam tams**, as dansas dos incas, a alegria dos mesmos, nos jogos, os seus odios, nas guerras, a gargalhada infantil da inocencia e a respiração suspeita dos barbaros, tudo isso está fielmente registrado pelo microfone que êle sabiamente dispôs e para o qual conseguiu os melhores efeitos possiveis.

Alberto Cavalcanti, auxiliado pêlo Roquete Pinto, cantou hinos e netoou louvores nos festins das tribus **jivaros, napos** e outras, com um documento musical o mais perfeito e com melodias admiraveis do já celebre compositor francês Mons. Maurice Jaubert, genial compositor de toda musica original deste trabalho.

Tudo, ali, fala, grita o valôr das situações que a objetiva fielmente apanhou e os sons esplendidamente revivem. **No País do Escalpo** vai ter consagração mundial, sem duvida.

Nua, como a propria vida dos incas que as **cameras** apanham, foi a arte de sincronizar empregada por Alberto Cavalcanti. A parte sonora apenas deixa ouvir um comentario em português e outro em hespanhol, as unicas da America do Sul e, ainda, a dos **jivaros**, uma especie de **guarani** ornado, todo êle, de neulogismos curiosos.

No País do Escalpo está explicado em cinco idiomas: português, francês, alemão, inglês e hespanhol. Antes do film deixar o laboratorio, Cavalcanti já tem previsto gostosamente o seu sucesso e dêle — normalmente modesto, como

* * *

Damos aqui, a titulo de curiosidade, mais alguma cousa sôbre o film que o Marquês de Wawrin fotografou.

Existem, nas ilhas Galapagos, vestigios de um falecido continente. Ali ha, presentemente, a maior quantidade de fócas do mundo todo.

Proximo a Guayaquil, um pouco além, encontramos construções de madeira que são riquissimas. Uma estrada de ferro, audaciosa como poucas, faz a conquista até á Cordilheira dos Andes que coroa o Chimborazo, a cêrca de 6.253 metros de altura.

Mais além, Quito, capital do Equador, é um contraste com a brutalidade de terrenos e terras que se vêm apreciando.

Em Otavalo, onde cessa a estrada de ferro, encontram-se costumes estranhos.

Festas de S. João, deixadas pelas tradições dos incas antigos e misturadas com ritos catolicos.

Ha dansas, igualmente curiosas e, depois das dansas, o principal divertimento dos selvagens daquelas paragens: as lutas e as violencias fisicas, onde encontramos arrojados combatentes e assistimos a denodadas proezas.

Depois de descer os Andes em dorsos de mulas, Wawrin utilizava o rio Putumayo para chegar aos indigenas **Ocainas**. Vivem de frutas as mais saborosas, ovos de tartaruga e manjares os mais delicados e apetitosos. As vestimentas de baile, das mulheres, é a nudez completa, apenas pintada toda com anilinas especiaes que elas preparam com grande carinho.

Os vizinhos destes, os **Borós**, com auxilio do **Barbasco**, são pescadores curiosos de serem observados. Dizem eles que dansam os celebres bailados **totemicos**. Dizem que têm

espiritos sôbrenaturais em si e dansam convictos de que estão sendo abençoados por o deus que veneram. Geralmente nas festas destes são imolados os prisioneiros feitos nas lutas anteriores.

Pelo Amazonas e seus afluentes, penetra o Marquês até aos confins do Brasil. Especimes curiosos da fauna, macacos, serpentes, tapiris e o **pirarucú**, um bicho com 250 libras de veneno, um escaravelho de 20 centimetros de comprimento: é a fauna mais rica e linda que já se viu.

Junto aos indios **Napos** encontrámos, então, o sistema de liquidar os feridos e os doentes quando já não têm mais remedio...

Com 38 graus á sombra, atravessa a expedição a floresta cerrada. Chega Wawrin até aos **Jivaros** e sentimo-nos como que transportados novamente á idade da pedra. Ainda tiram fogo pelo aquecimento da madeira num roçar continuo e rapidissimo com outras e, além deste, outros costumes terrivelmente atrasados.

Assaltam-se quasi que continuamente estes selvagens vizinhos, e, depois da vitoria, o **Tzan Tza** é a festa que celebra a gloria. São degolados os prisioneiros e reduzidas as suas cabeças.

Filmados que são êstes costumes diferentes, Wawrin dirige-se aos indios **Piros**. Dai vai ao Perú, onde se acham os antigos acampamentos dos incas. Ali ha costumes que já conhecemos de sobra, por descrições e outros que já não são assim tão selvagens. Ali, ao lado do Pacifico, reinam os leões do mar, animaes de tamanhos fabulosos e que constituem ameaça até para embarcações de pequeno calado.

Eis um resumo do que a expedição filmou e em breve nós veremos.

THE LADY REFUSES — (Radio) — Drama em altas doses. Betty Compson, Gilbert Emery e John Darrow fornecem-no. A historia tem um defeito: é muito velha demais e conhecida para ser levada a serio...

NAR ROSORNA SLA UT — (Paramount) — Edição suéca de **The Hole in the Wall**, feita em Paris, pela Paramount, só curiosa pelo fato de apresentar, no papel de galã, Sven Gustaffson, irmão de Greta Garbo. Mas êle nem se parece com ela e nem é bom artista. O film é terrivel. O unico que se salva é um tal Uno Henning. Joinville, Joinville...

* * *

HELL BOUND — (Tiffany) — Mais cousas sobre contrabando de bebidas. Lee Carillo num papel tipicamente seu e com a fala cheia de sotaque. Lola Lane é uma esplendida e curiosa heroina.

* * *

CRACKED NUTS — (Radio) — Wheeler e Woolsey já são uma dupla insuportavel. Êles só prestam em certas cousas e como já as têm repetido muitas veses, tornaram-se agora insuportaveis! Edna May Oliver e Dorothy Lee aparecem.

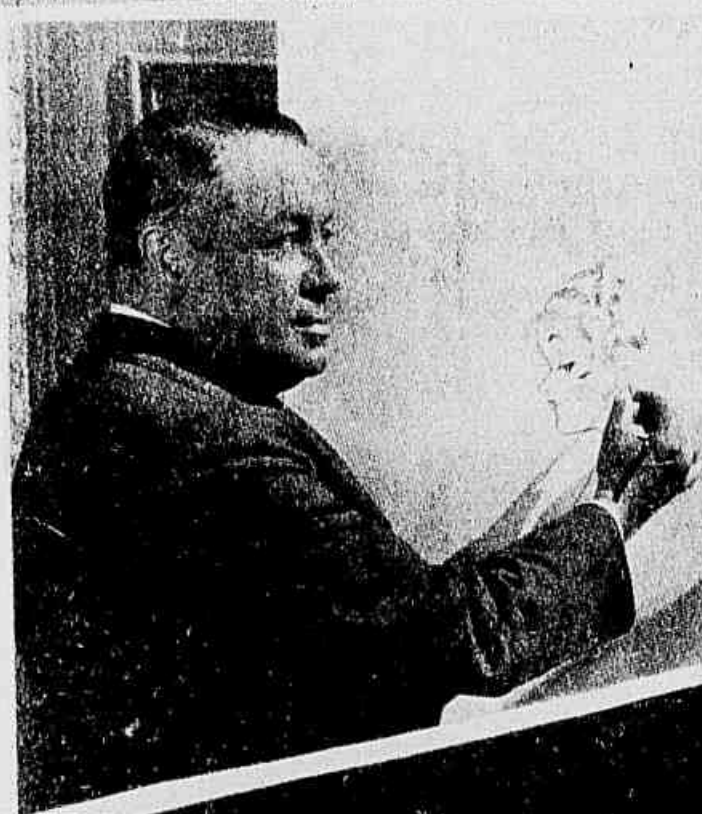
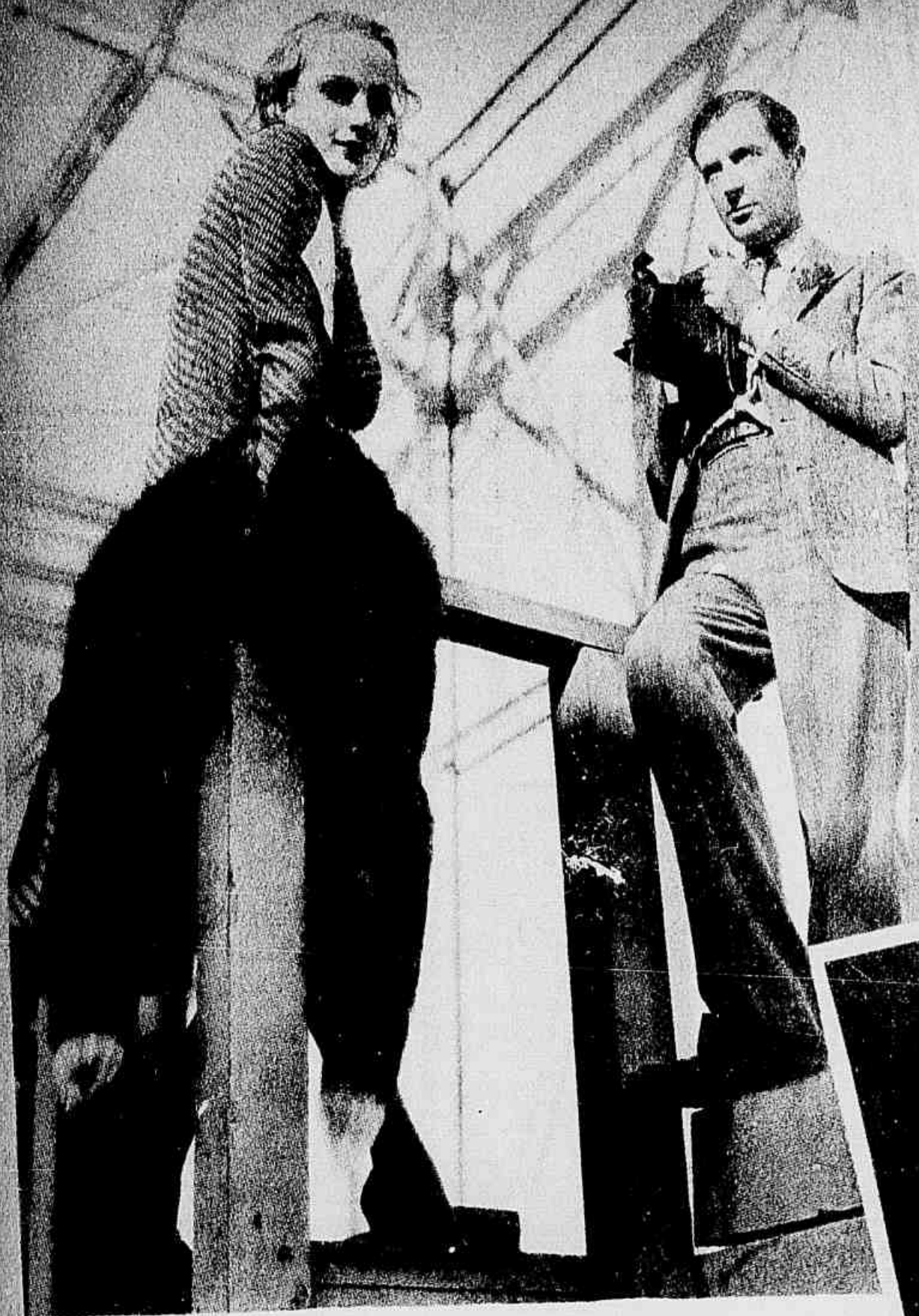
* * *

CHARLIE CHAN CARRIES ON — (Fox) — Se gosta de films misteriosos, curiosos, este serve. Warner Oland tem um papel esplendido neste film. Warren Hymer e Marjarie White fazem comedia. John Garrick e Marguerite Churchill aparecem.

ESCALPO

GIRLS DEMAND EXCITEMENT — (Fox) — Não queremos e nem podemos crer que rapazes e moças queiram, realmente, a natureza de sensações que êste film afirma que êles querem. Não satisfaz. E' um máu film. Marguerite Churchill, John Wayne, Virginia Cherrill e William Janney aparecem. Pobrezinhos!

Instantaneos de Hollywood

GEORGE MAC MANUS E MARION DAVIES

MARY BRIAN E O ESCRITOR JOSEPH MANKIEWICZ.

CECIL BEATON E' UM ARTISTA INGLEZ QUE GOSTA DE TIRAR FOTOGRAFIAS DE CAROLE LOMBARD.

CHARLES CHASE E PEGGY HOWARD.

ROSITA MORENO E UM GUARDA DA UNIVERSAL.

São as mulheres menos fiéis do que os homens?

Entre os artistas de Holl;wood, aos quaes fizemos a pergunta acima, começamos o interrogatorio por Lupe Velez e Genevieve Tobin.

— Eu acho, sim, que as mulheres são menos fieis do que os homens.

Diz Lupe.

— Os culpados disso, entretanto, são os proprios homens que assim as fazem. Conseguem êles uma pequena. Andam com ela por todos os recantos e festas. Fazem-lhe presentes. Depois, quando a pequena se apaixona, de verdade, êle calmamente deixa o caminho livre, o coração sangrando e vai colher nova conquista ao lado do coração de "mais uma"... Parece, com isso, que estou acusando o homem de ser o menos fiel. Não é, entretanto. Acostumadas com isso, as mulheres foram se tornando nturalmente falsas. Espontaneamente falsas. A sinceridade passageira dos homens é que as fizeram assim.

* * *

— E' provavel que as estatisticas digam que as mulheres são mais fieis do que os homens.

Diz Genevieve Tobin.

— Pessôalmente, entretanto, duvido disso. As mulheres vivem quasi que em caso geral uma vida muito menos sincera e fiel aos homens do que estes a elas. Principalmente no coração a mulher é futil. Se elas fossem mais sinceras, mais elevadas, moralmente, não seriam tantos os casos infelizes nêste mundo. Mas a verdade é essa e dela tenho convicção.

* * *

Conrad Nagel fala, em seguida.

Honestidade de propositos é uma segunda natureza, na mulher. Forma-se uma situação que é temporariamente tentadora. em torno dela. Quando percebe o logro, sofre, terrivelmente. Depois do primeiro golpe ela torna-se espontaneamente cruel, naturalmente infiel. O culpado indireto e inconciente, quasi, é o proprio homem que é o mais selvagem de todos os animais...

* * *

Edmund Lowe

John Barrymore sorriu, quando lhe falamos e nem disse que sim ou que não. Falou, apenas.

— Charles Dickens imajinou. para seus romances, criaturas femininas que êle queria que existissem. Eram doces e submissas, leaes e impossivelmente virtuosas. **Nancy Sykes** chegou a ser fiel ao horrendo **Bill** até a morte. Direi, entretanto. que em geral a mulher é o sexo dominante. Os homens são aquilo que elas querem que êles sejam...

* * *

Lupe Velez

Kay Francis

Estelle Taylor fala, a seguir.

— A razão pratica das cousas afirma e mostra que as mulheres não são fieis. As mulheres tem ,atrás de si mesmas, as tradições dos seculos, nos quaes a fidelidade era tida como a condição primordial da virtude. E' por isso que hoje em dia estranha-se uma mulher infiel. Com os homens dá-se exatamente o oposto. Desde pequeno dão-lhe a impressão e a necessidade de se tornar um Don Juan. Fazem-no conquistador desde o berço e atiram-no á conquista da mulher. A educação de hoje permite, como a de hontem, exatamente, que o homem seja imoral, condenando, ao mesmo tempo, com o ferrete mais vil do despreso, a infidelidade na mulher. As mulheres, acrecente-se, não têm a facilidade para sêrem infieis que caracteriza os homens. A vida de uma mulher é quasi sempre um livro aberto. Quando alguem que saber onde ela vai e de onde ela vem, é simples, basta perguntar aos vizinhos... Quando chega em casa, recebe, dos que estão, principalmente do marido, uma serie estafante de perguntas ofensivas, apesar de delicadas. Um homem, casado ou solteiro, ao contrario, tem os espaços francamente abertos para os seus lances amorosos. Ninguem lhe pergunta nada e nêle tudo é justificado e aplaudido...

* * *

Richard Dix disse que sim e, logo em seguida, que não.

— A mulher é fiel, geralmente. Mas eu tenho uma filosofia que me impede de dar maiores impressões sôbre este caso: cada ser humano tem a sua propria individualidade. Eis tudo.

(Termina no fim do numero).

Pergunte-me outra...

DOVEMORI (Rio) — Billie Dove, atualmente, está com a United Artists, contratada por Howard Hughes, o produtor de *Anjos do Inferno* e o seu primeiro film, para êle, será *The Age of Love*, dirigido por Frank Lloyde, que tambem foi contratado por longo prazo pelo mesmo produtor, para a mesma fabrica. Raul Roulien ainda esta lá. Olímpio Guilherme, mudou de endereço. Atualmente está em 6642, Emmet Tesn, Hollywood, California.

RUDY (Rio Claro, S. Paulo) — Recebi a sua participação e participo da sua alegria. Que suba, sempre e seja promovido até onde merecer o seu entusiasmo e a sua mocidade. O seu entusiasmo pelo Cinema Brasileiro vai ter mais razão de existir, verá.

MAURICE CHEVALIER (S. Paulo) — 1° *Ganga Bruta* e, simultaneamente, *O Preço de um Prazer;* 2° Solteira; 3° depende da sua fotografia, a ser enviada para esta redação, rua da Quitanda, 7.

MEDROSA (S. Paulo) — Não tem que agradecer por cousa alguma. E' verdade?... Não creio... Não vai trocar um velho reumatico pelos olhos fascinantes e pelas poses esplendidas do John Boles... Tem 28 anos, Medrosa. Ha uma pequena, a Betty, aí acima, que já perguntou a mesma cousa e com que interesse! Mas não vá ficar com ciumes dela, sabe? Faltou um numero, sim, mas não faltará mais, não. Eu já estive lá, de passagem e a passeio. E' isso mesmo que você diz, sim. Quem foi? O seu John daí de S. Paulo?... Isso não sei, mas acho que bem breve. Êle está estupendo, nesse film. Não o acho negação, não. Não é o melhor dos galãs e nem das figuras masculinas da téla, mas é extremamente simpatico e agradavel *Seed* foi o seu ultimo e grande sucesso, dirigido por John M. Stahl e acompanhado de Lois Wilson e Genevieve Tobin. Volte sempre, Medrosa.

TOM BOSS (Recife — Pernambuco) — 1.° — rua Marechal Floriano; 2.° — acabou; se é da Pathé, de Hollywood, é RKO-Pathé Studios, Culver City, California; 3.° — Mario Marano ultimamente achava-se em Paris e figurava num pequeno papel em *Sua Noite de Nupcias*, versão de *Her Wedding Night*, de Clara Bow, com Beatriz Costa, Leopoldo Fróes e Estevam Amarante. De Leonor, nada se sabe. 4.° — Francamente, não sei. Mas vou averiguar e depois responderei. Si quer escrever ao Olímpio, o novo endereço dêle é 6642, Emmet Tesn, Hollywood, California.

MAURO MANTEL (Campinas — S. Paulo) — Gonzaga entregou-me sua carta para responder. Agradece as suas palavras e pede-me que lhe diga que não desanime e, ao contrario, cada vez com mais entusiasmo continue confiante no seu ideal. O caminho agora é bem mais suave e já se aproxima da méta almejada ha tanto tempo. Um dos trabalhadores dêle, embora fosse de orientação adiantada, faleceu, recentemente. Paschoal di Lorenzo, que dirigiu *Rosas de Nossa Senhora*, da Astro Film, diretor de varios outros trabalhos, inclusivé *Pombo Casamenteiro*, uma comedia em cinco anos, feita ha muito tempo, faleceu em Sorocaba, quando tomava parte no palco de um teátro de amadores, estando ainda em cena.

PATUSCA (Rio) — Gostei da mudança do seu apelido. Este é muito melhor, sem duvida. Qual! Com bons ou máus argumentos, êle será sempre aquela figura terrivel que é, de mestiço pernostico. Gostei da nova versão, mas não mais do que da primeira. Lupe tem bons momentos, mas Dolores tambem os tinha. De volta da Alemanha, agora, Marlene Dietrich foi entrevistada por Louella O. Parsons e éla disse, simplesmente, que a maior artista do Cinema, na sua opinião era Greta Garbo. Disse ela, ainda, que falam que ela imita Greta Garbo. Espanta-se ela com isto, dizendo que na Europa os costumes são em certo ponto parecidos, principalmente nos vestidos. Mas que, fóra disso, viéra para Hollywood apenas para representar e jámais para ser melhor ou peor do que esta ou aquela. Além disso, admirava imensamente a Greta Garbo e não podia pretender supera-la.

Em seguida disse que agora sentia-se melhor em Hollywood, principalmente por ter trazido comsigo a sua filhinha Maria. Diz que a criança é tudo, na sua vida e apenas ela a fará animar-se mais ainda. A entrevista foi irradiada pela Columbia Broadcasting, KHJ, prefixo. Que tal? Dêle nada se sabe, por emquanto. Fizeram já um film, "Daddy Long Legs", que é a versão do antigo film silencioso de Mary Pickford, "Papaizinho Pernilongo" (Daddy Long Legs). Foi muito elogiado. Êle faz um solteirão que adota uma orfãzinha e por ela se apaixona, depois. Janet é a orfã e Warner o solteirão. Um belo tema, sim. Êles não abandonam, não. São muito gentis comigo! O que houve foi falta de espaço, mas não se repetirá, com certeza, tanto mais que eu sinto isto mais do que vocês. Volte quando quizer, Patusca.

KATUSKA (Rio) — Alguns... Pois fás mal. Conheço os preconceitos, sim, mas acho que se forem removiveis, você deve tentar. O seu successo não póde ser garantido, mas é bem provavel. Confie no seu espelho que não mente e tenha o ardor da Morena Triste, que vencerá. Só se as "cositas más" são razões mais sérias... E' provavel que êle faça exatamente o que você diz que êle deveria fazer antes de deixar os *fans*... A noticia, para breve, sensacional. Que medo de incomodar, nada! Não faria mais do que a obrigação dêle. Está morando, sim. Vi e concordo com você: nada de novo... Está aprendendo inglês? Agora comprehendi. A confusão vem da sua letra. Apanhando papel?... Qual! As minhas historias são diferentes, Katuska, não são assim vulgares como você imagina... Mas você ainda é tão criança que goste de "Era uma vez"... Diga a Morena Triste que ela esqueceu de reconhecer a firma em tabelião e de por estampilha no abaixo assinado"...

FARINA CANTAVA NOS COROS DE IGREJA

MARLENE FOI UMA PIANISTA NA ALEMANHA E REALISOU MUITOS CONCERTOS

GLORIA SWANSON E WALLACE BEERY, QUANDO CASADOS, PASSEAVAM EM HOLLYWOOD COM OS SEUS NOMES PINTADOS NO AUTOMOVEL, ISTO EM 1917...

ESTHER RALSTON LAVAVA PRATOS NUM RESTAURANTE DA CIDADE DE SALT LAKE

QUANDO SE PAGA 5 MIL RÉIS PARA VÊR "ANJOS DO INFERNO" CADA MINUTO DO FILM, CUSTA 66.666 VEZES MAIS DO PREÇO DA ENTRADA

JACK MULHALL JA' FOI UM GRANDE ANUNCIADOR DE REMEDIOS.

J. P. R. (Curitiba, Paraná) — 1.° M. G. M. Studios, Culver City, California; 2.° Figura em "Iracema", da Metropole de S. Paulo; 3.° Carlito esteve pela Europa, sim, recentemente e percorreu muitas importantes e principaes Cidades. Ainda ha pouco, em Londres, êle, respondendo á um jornal que comentava não querer êle aparecer ao *Comand*, numa segunda feira, respondeu êle, quando lhe consultou o representante do "Daily Express". Que tolice é essa de dizerem que eu recusei comparecer ao "Comand?" Não foi nenhuma ordem real que recebi e, sim, apenas um convite de um gerente de "cabaret" para figurar num festival caritativo. Dizem, êles, que tenho um dever para com a Inglaterra. Admiro-me e bem queria saber que dever é esse... Acho, ás vezes, que os meus patricios são os mais refinados hipocritas que já conheci no mundo todo. Ninguem me quiz, na Inglaterra, quando aqui estive na dezesete anos e, naquela época, eu era o mesmo artista que hoje sou. A diferença era que apenas ganhava alguns "shillings" semanaes... Fui para a America atrás de uma oportunidade e consegui-a. Foi depois disso que me consideraram inglez e em tal conta me tiveram... O patriotismo é a maior forma de maluquice da qual sofre o mundo, é uma cousa que quasi sempre dá como resultado a guerra. O provincialismo da França, da Inglaterra, de Londres e da America é tôlo, absolutamente! Eu considero-me do mundo.

LUCY DARLEY (Rio) — Já sarou?... Naturalmente Deus não quiz e não poude prender os seus admiraveis dezoito anos por mais tempo entre quatro paredes. "Cinearte" foi o remedio? Bravos! E' provavel que faça, sim, mas o que viu anunciado não se referia á "Cinédia". Foi a versão espanhola de "Rival dos Maridos" (The Boudoir Diplomat), E' esse mesmo. Não o mudou para figurar em films. Tem estado em repouso, mas brevemente fará uma grande surpresa aos "fans". Sem duvida! Bons, é pouco: otimos! Não vi, não. Francamente, os meus anos de idade já me deram "faro" suficiente para evitar males assim... E qual era o pseudonimo?... Volte sempre, Lucy.

NENEM (Meyer, Rio) — Falei-lhe, mostrei-lhe sua carta e êle me disse que o houve, foi apenas falta de tempo para a resposta. Mas que a impressão foi muito boa e que está aguardando uma ocasião para chamal-a. Fique descançada e certa de que embora custe um pouco, será chamada para trabalhar. Quer melhores esperanças? Até logo, Nenem.

OPERADOR

"DOT" SEBASTIAN

CHESTER, MORRIS

— Pare! Isto já vai além do limite!

Foi com esta frase que o pai de Chester Morris poz termo á sua ambição de se tornar um grande magico. A cousa aconteceu assim:

— Chester Morris estava experimentando as suas qualidades de "hipnotizador", exercendo a sua força de olhar sobre a sua irmãzinha, exatamente na maneira que o iria fazer celebre, como Chick Williams, em *Alibi*. Fazia sua irmã que desmaiava e o pai achou que era melhor pôr termo áquilo.

No dia seguinte, por certo, embora muito desanimado, Chester resolveu pôr termo a toda a sua ambição de se tornar, para o futuro, um grande iluzionista.

— Comprehendi, naquêle momento, que eu era um magico terrivel...

Não sei se foi esse o incidente que o tornou pouco confiante em si proprio. O caso é, entretanto, que daí para diante o seu sentimento de respeito humano tornou-se até exagerado e êle apenas conseguiu as cousas com a mais terrivel das modestias, uma quasi doença, mesmo.

A historia de como sentiu-êle, depois do seu sucesso em *Alibi*, possivelmente, é do dominio de você, amigo leitor. Êle não se cansava de dizer a Roland West, produtor e diretor, que iria ser terrivel naquele papel. Roland permaneceu impenetravel como uma esfinge e não deu o menor ouvido ao que êle lhe dizia. Confiava nêle e sabia-o de sobra um grande artista.

Veiu a primeira, para os criticos. Chester apenas resistiu até á metade da exibição. Depois saiu e foi apenas parar em sua casa, profundamente nervoso, imediatamente tratando de arrumar as malas para uma viagem qualquer que êle sabia que o Studio até pagaria para que êle fizesse, depois do "fracasso"...

Ainda achava-se em lidas de arrumação para a viagem, quando tocou o telefone. Era Roland West que chamava.

— O que está fazendo você?

— Arrumando minhas malas. Apanho o proximo expresso para New York...

— Eu sabia que você estava pensando nisso... Agora escuta-me, seu grande arara...

Não sei e nem êle me disse o que foi que Roland West lhe falou no telefone, com rubôr para a telefonista se foi escutar a conversa, com certeza. O certo é, entretanto, que Chester Morris, depois do "pito", resolveu continuar em Hollywood.

Alibi foi um sucesso que os jornais não deixaram de elogiar. Chester Morris foi tido como um dos mais admiraveis entre todos os artistas. Depois, com *A Divorciada* e *O Presidio*, continuou êle merecendo louvores da critica e tendo os primeiros elogios nos referidos comentarios.

Acha, entretanto, leitor, que êle pensa da mesma fórma e reconhece isso?... Qual!

— *A Divorciada* foi um sucesso... Admite êle, falando.

— Norma Shearer, Robert Montgomery, Conrad Nagel... Que elenco! Assim o film tinha que ser bom e a direção de Robert Z. Leonard, além disso, foi soberba. *O Presidio*, outro film que todos elogiaram, tinha o maior papel de Wallace Beery até ao presente. O publico aprecia os vilões que têm personalidade. Robert Montgomery, como covarde, foi uma revelação. No meu papel, fiz o que foi possivel. Sendo eu, na linguagem propria, a resposta a todas as perguntas do cenario do film, naturalmente estive em evidencia. Além disso o meu papel era muito simpatico e sinto que Robert Montgomery, nêle, ffa-lo-ia melhor.

E' Modesto...

Não adianta discutir ou argumentar com Chester Morris. O certo é deixa-lo pensar o que quizer, porque outra cousa não adianta. Nem os seus papeis de vilão verdadeiras criações, acha-os êle bons...

— Se os verdadeiros bandidos fossem aquilo que pintam os films e as peças de theatro, seriam dignos de aplausos e amizade e nunca de perseguições ou prisões...

Depois continuou, reafirmando a pouca logica dos seus proprios papeis.

— O verdadeiro bandido é como o celebre Whitey, por exemplo, que chegou a matar a propria mãe para lhe roubar o dinheiro das economias e, isso, quando ainda era criança... E' logico que o Cinema não pode mostrar esse absurdo de crueldade, mas igualmente absurdo é deturpar os tipos e os caracteres dessa fórma...

Em *Corsair*, o primeiro film que êle está fazendo para a United Artists, já como astro, êle não é propriamente um vilão e, sim, um rapaz de bons sentimentos que apenas se torna contrabandista e falcatruista de leis para conquistar o coração da pequena que ama.

Sei que o publico gosta disso. Apreciam, ás vezes, mais os vilões do que os heroes. Entre a mocidade, então, ha verdadeira admiração pelos aventureiros, ainda quando êles sejam de especie a peor...

Ha pouco tempo Chester Morris e sua esposa, Suzanne Kilborn, fizeram uma viagem á Europa. Antes de iniciar, êle, o film em questão.

— Ninguem no navio me conheceu e muito poucos eram aqueles que sabiam da existencia do Cinema. Senti-me bem e confortavel, confesso... Não imagina o quanto detesto ser apontado, pelas ruas, com o classico "Ali vai Chester Morris"...

Em Londres, entretanto, teve demonstrações de reconhecimento, por parte da população, que o aplaudiu. Não é facil descrever a emoção e o embaraço, aliados á contrariedade que êle sentiu, com isso!... Pedindo-lhe autografos, centenas de *fans* foram ao seu encontro. Êle procurou a todos atender, mas, confessa, já se sentia até com vertigem, de tanto nervo e de tanto aborrecimento.

Em outra ocasião, fugindo por não poder suportar mais o seu proprio estado de espirito, ouviu frases como estas:

— Americanozinho idiota! Convencido que pensa que nós inglezes precisamos dêle... Êles de nós, isso sim!!!

— E' assim, não é?!

Exclamou o u t r o, quando êle passou pelo livro de autografo negando-se escrever.

— Pois não v e r e i mais film seu algum, seu cretino!

Se o compreendessem, entretanto... Não seriam palavras pesadas que lhe atirariam e, sim, o respeito por esse rapaz de valor que tem um só grande e terrivel defeito:

— Ser extremamente modesto.

O elenco de *The Pagan Lady*, completo, reune Evelyn Brent, Charles Bickford, W i l l i a m Farnum, Roland Young e Leslie Fenton.

₴ Emory Johnson, acusado pela esposa de abandono dos pagamentos para o lar, depois do divorcio, para o sustento dos tres filhos do casal, declarou ao juri, que não podia pagar porque não tinha emprego e nada conseguia fazer.

₴ Louis J. Gasnier e Max Marcin dirigirão, juntos, o film *Silence*, com Clive Brook e Mary Brian nos primeiros papeis.

₴ Pola Negri, Marlene Dietrich e Marillyn Miller chegaram pelo mesmo vapor, o "Santa Fé Chief", a New York. Marlene traz comsigo a sua filhinha, sem qual não tem o menor socego em Hollywood.

₴ Arthur Houssman, artista conhecido e de muitos papeis interessantes, sumiu de casa, um dia desses e a policia foi posta no seu encalço, a pedido de sua esposa...

Uma opinião de Marcel L'Herbier sobre Cinema

Num recente artigo publicado em **Le Soir,** o meu amigo Carlos Larronde toma duas colunas atacando os realizadores de films, sob este titulo.

— Adaptar, não é criar.

Aqui algumas frases do seu artigo. Depois de as lermos, poderemos, então, entrar pelo terreno da dissertação tecnica a dentro.

— E' o diretor tão autor de um film quanto o escritor do seu livro? Não é. Devemos abrir distinção para o diretor que escreveu o seu proprio cenario e para aquele que aplica o de outrem.

Mas adiante, continua:

— Não nos lembraremos mais da idéa, celulamater da inspiração inicial de um film?

Aqui está uma declaração sincera.

A René Clair, que escreveu que, qualquer caso, o diretor é o autor do film, Carlos Larronde responde que existem dois casos distintos:

— Aquele em que o diretor é autor do tema, tornando-se, portanto, **o autor do film;**

— E aquele em que o diretor, não sendo autor do tema, fica apenas um **diretor**... Isto é: o oposto do creador, do autor E' apenas um adatador e nada mais.

Assim, de acôrdo com o que diz Larronde, René Clair quando realiza **Sob os Tetos de Paris** (Sous les Toits de Paris), com um cenario (idea inicial, celulamater) seu, é o autor do film.

E o mesmo René Clair, realisando **Le Million,** de um argumento de George Berr, deixa, portanto, automaticamente, de ser o **autor** do film...

Mesmo que seja o seu film de uma originalidade incontestavel, se não tem a virtude de ter sido gerado pelo cerebro dele René Clair, já perde o carater de **creação** que têm aqueles que nascem de um cerebro e pelo mesmo é dirigido. Isto torna René, no caso de **Le Million,** uma especie de copista, de tradutor, de transcritor, tirando-lhe todo e qualquer merito efetivo..

A afirmação de Carlos Larronde é categorica: "Adatar não sinifica criar".

Realmente: adatar não é criar! E', mesmo pela difinição, o **contrario** de criar. Mas como póde, um homem de espirito moderno, como Larronde, encarrar tão erradamente um ponto de vista Cinematografico, apoiando-o sobre um terreno totalmente literario?

Para este esplendido homem de letras a qualidade de **autor** difere totalmente da qualidade de **cenarista.** Isto põe todo Cinematografista sob a dependencia da literatura. Não sendo, mesmo, o Cinema dai para diante, senão um ligeiro **anexo** da nobre atividade de arte.. Sómente por **ela** e com o auxilio **dela** é que um realizador poderia aspirar á uma bôa figura, dentro da sua profissão. Seria a literatura, apenas, conferindo ao realizador obediente, o seu titulo de **autor.** Mas se ele não fôr literato, dramaturgo, **cenarista,** não vale mais nada... E' um sem sorte.. Fugindo da literatura, esquecendo-se de inventar seus proprios argumentos, ficará o diretor apenas **diretor.** E nada mais... Ou, falando como Larronde, **adatador.**

Deploravel perspetiva, esta!

Uma causa me consola. A galeria daqueles que se acham como simples **adatadores,** ou sejam, **diretores,** apenas, tem uma frequencia das melhores:

— Lewis Mikestone, **diretor,** apenas, de **Sem Novidade no Front,** de Erich Maria Remarque:

— Josef Von Sternberg, **adatador,** apenas, de **O Anjo Azul,** feito com **cenario** alheio:

Pudovkine, **dirigindo "A Mãe",** de Maximo Gorki;

— Jacques Feyder **dirigindo "Thereza Raquin",** de Emile Zola;

— Eisentein, **adaptando "O Couraçado Potemkin',** de documentos e fatos historicos;

E mais uma serie deles. Todos estes, segundo a opinião de Larronde, não são creadores, não são autores desses films... Todos estes, nos quaes ele não quer ver senão **adatadores,** são os mais belos ornamentos do reino do Cinema. Um tal **delito,** contra homens de Cinema tão eminentes como estes, merece uma resposta. E' o que vou tentar dar ao meu amigo Carlos Larronde.

Este homem, homem de letras, é tão obsecado pela literatura, que vai á perfeição de dar valôr unico ao **creador** da idéa inicial — celula-mater — atirando o **diretor** á um plano absolutamente inferior, dandolhe uma função de méro fiscal de fotografia e movimentação de artistas... Só esta sua opinião já mosta o lado apaixonado do seu critério, conferindo merito apenas ao literato, isto é, ao autor do assunto. O outro nada merece, embora realize aquilo que foi pensado por um diferente cerebro e realize com perfeição. E' o primeiro grande tombo da opinião de Larronde.

O segundo ponto do ataque de Larronde, é quando ele diz, em palavras claras, que a função do diretor que se aproveita de um romance, de uma peça de teatro, de um poema ou qualquer outra cousa semelhante, realizando-a, é a mesma de um literato que se propôe traduzir, para a lingua que fala, uma obra estrangeira de valôr. Compara o diretor ao tradutor...

Qual a necessidade de se comparar o diretor de um argumento alheio á um tradutor de uma obra estrangeira? Qual? São justamente forças opostas, contradições absolutas. O tradutor apenas tem um dever: verter para a lingua mãe, aquilo que vem escrito em outra linguá, usando, para isto, apenas um criterio: copiar ao pé da letra, traduzindo, palavras alheias. O diretor de film, ao contrario, não se vê diante desse mesmo obstaculo. Ele usa os seus recursos. O **seu** modo de mostrar o que outra pensou. Ele transporta uma obra estatica para uma obra dinamica.

Quanto mais um diretor siga, fielmente, uma obra literaria, tanto menos ele é sincero para com sua arte, o Cinema. E tanto mais tráia, ele, o tema inicial — a celula-mater — e mais terá servido á **sua** arte. Ele compõe o **seu** film. **Melhora,** fotograficamente, a idéa inicial — celular-mater...

Em suma: o tradutor é como se fosse um aluno de harmonia que compusesse uma marcha usando as bases marcadas pelo professor. Sua invenção limita-se. A sua latitude é estreitissima. E' um trascritor, apenas.

Quando Rimski Korsakoff orquestra o **Boris Godounov,** de Moussorgski fazendo-o passar do terreno melodico para o terreno sinfonico, não desempenha, tambem o papel de tradutor, de adaptador, adaptador genial, não ha duvida, adaptador?...

E Moussorgski, tambem, não é por sua vez, **adaptador** do poema sôbre Boris, feito por Pouchkine, que serve de libretto (**cenario**) á opera?

Ou é ele o autor da sua opera?

Ele é o autor, o unico autor, indiscutivelmente, como Pouchkine tambem é autor dos versos.

E Wagner, que compunha ele mesmo, os seus librettos, era por isso, mais **autor** do que Moussorgski, Mozart ou Debussy?

Crear musica, seja esta ou aquela, ainda que de outro, é **crear** a musica!

Crear um film, pouco importa o tema, ainda que seja de outro, é **crear** um film!

E' certo o que diz Larronde. Adaptar não é crear. Mas é facil perceber o seu grande erro. Fazer um film, não é equivalente a daptar um film, ainda que seja trabalhar num tema estranho, é realizar um film.

Fazer um film, é **inventar** uma musica completa de imagens, de sons, de ritmo; é compôr valôres visuaes, sem equivalentes nas outras artes: é crear, é elevar-se á altura do papel de **autor.** Larronde errou, em toda a linha.

Primeira contradição: Larronde admite, por exemplo, que Ambroise Thomas seja tido como autor da opera **Hamlet,** argumento de Shakespeare, e seja tido como **autor.**

Mas cousa alguma deste mundo o fará aceitar Carlito como **autor** de **Hamlet,** se ele o fizesse em film, porque não é assunto dele... Se Carlito fizer **Hamlet,** será um tradutor. Thomas, compondo **Hamlet,** é **autor**... Entenda-se! Larronde, admite para um musico, o que nega á um diretor de films.

Segunda contradição.

Larronde admite Shakespeare como **autor** de **Hamlet.** Se aplicarmos, todavia, as teorias dele proprio, Shakespeare não é, absolutamente, o **autor** de **Hamlet.** E' publico e notorio que ele arranjou o tema de situações que seus antepassados lhe forneceram. A idéa não era sua, portanto e ele, consequentemente, desce para o plano de **tradutor** ou **adatador,** se preferem... O historiador Saxo e o novelista Belleforest é que lhe forneceram o tema.

Ainda mais. Pela teoria de Larronde, infelizmente cheia de adetos, na chamada camada **elevada** de Cinema, Corneille é **adatador,** Racine o é, La Fontaine, idem e mais Molliére, Schiller, Byron, Balzac e muitos outros. Temas que não foram gerados pelo cerebro de um desses homens, ainda que brilhantemente explorados, não merecem o cognome de **creação.** São méras adatações...

Afirmo, por tudo isto, certo de estar com a razão:

— Crear é adatar!

René Clair tanto foi René Clair fazendo **Sob os Tetos de Paris** (Sous les Toits de Paris), como o foi, filmado **Le Million.** Tão **creador** é Lubitsch, fazêndo fazendo **Alta Traição,** quando King Vidor filmando **A Turba.** J. H. Rosny, felizmente para mim e para os que apoiam esta minha maneira de pensar, declarou que "France estimava a originalidade com uma faculdade secundaria". Referia-se ele a Anatole France. Cito isto para concluir.

QUEM E' BOM...

Mitzi Green

QUEM NÃO GOSTA DAS SUAS RISADINHAS?

IMITANDO CLARA BOW...

As dez mais adoraveis de

Marion Davies

John Murray Anderson, o diretor do celebre **Rei do Jazz** e que, em breve, vai dirigir novo film, um esteta, por natureza e um espirito altamente culto, entrevistado, deu estas opiniões sôbre as pequenas de Hollywood. São as seguintes, com os "porquês", as dez suas preferidas.

* * *

E' ousadia, sem duvida dizer quais as mulheres mais adoraveis de Hollywood. Ousadia que tocará até ao arrojo, mesmo...

Poucos homens, entretanto, tão bem equiparados para assim falar e isto dizer quanto John Murray Anderson, o nosso entrevistado é um admiravel admirador da beleza e, cultivando-a com o maior carinho, poderá, melhor do que ninguem dar a sua sabia opinião a respeito. Aqui está ela, portanto

Ele acha Gloria Swanson, Ann Harding, Laura La Plante, Mary Astor, Nancy Carroll, Marion Davies, Marlene Dietrich, Dolores Del Rio, Ruth Chatterton e Sidney Fox as dez mais bonitas creaturas de Hollywood. Uma lista curiosa, sem duvida. Mas tem as suas razões o nosso amigo e grande diretor...

Anderson considerou mais do que a perfeições dos rostos e das fórmas. Todos as mulheres por ele citadas — embora tenha tido a ousadia de se olvidar de Greta Garbo — são bonitas, realmente, mas todas elas, além da beleza, possuem outros encantos espontaneos. Têm inteligencia, senso comum, e, tambem, cousas várias que as tornam perfeitas aos olhos e aos sentimentos.

Para Anderson, a beleza sem inteligencia é como lampada apagada.

— Gostaria de ter forças para abolir a tirania do rosto bonito! Diz Anderson.

— A beleza é tão pouco... Muito mais vale o que encanta, do que o faz pasmar. Além disso, ha muito menor beleza, em geral, do que simpatia e atração.

— Como defino eu a adorabilidade de uma mulher? Pela sua capacidade de inspirar afeição e admiração. Isto abrange a beleza, a inteligencia e a educação. A mulher adoravel tem, forçosamente, beleza fisica. Tem cerebro que a guia pelas sua funções diarias. Tem educação fina. Tem educação. Todos os preceitos, em suma, da mulher elegante e distinta que se preza e que quer ser prezada.

Cada uma dessas mulheres citadas por John Murray Anderson, sem duvida, tem qualidades de adorabilidades. Gloria Swanson segere espontanea malicia; Ann Harding, simpatia; Laura La Plante, vivacidade; Mary Astor, dignidade; Nancy Carrol, sen-

Ruth Chartterton

Dolores Del Rio

Nancy Carroll

Laura La Plante

Mary Astór

sualismo; Marion Davies sensibilidade; Marlene Dietrich, vitalidade; Dolores Del Rio, exotismo; Ruth Chatterton, inteligencia e Sidney Fox, romance.

Têm todas elas, tipos distintos de creaturas adoraveis que são Todas elas têm aquilo que Anderson taxa de "atmosfera".

Todas elas são agradaveis aos olhos e aos corações. Fazem voltar o rosto e fazem pensar...

— Prefiro a creatura dinamica. Antes de mais nada, para conseguir ferir meu sentimento, é preciso que ela seja apenas

HOLLYWOOD

ela mesma, sem dissimulações. A proporção traz o que quero e o que digo. A harmonia dá apenas a beleza.

Não é a côr de uns olhos, e, sim, o seu fulgor que os tornam fascinantes. E' em tudo isto que a mulher deve repousar: pouco se importa consigo mesma, cuidar do efeito que deve causar nos outros. E' preciso que sejam dotes que atinjam os homens imediatamente e os prendam por qualquer dos motivos citados.

Tomo Goloria Swanson, por exemplo. Analizemo-la, decompondo-a em fragmentos. Ainda assim fica adoravel. Tem pose, tem educação, tem modos aristocraticos, finos. Anda com elegancia mulher alguma é mais refinada, mais controlada ou melhor estudada no seu andar. A inteligencia aguda de Gloria reflete-se no seu rosto. Pertence, sem duvida, ao tipo que eu citei como o da da minha admiração.

Ann Harding tambem mostra inteligencia na sua fisionomia. Tem, entretanto, todas as qualidades da simpatia consigo, antes de mais nada. E' de uma simplicidade absoluta e de uma sinceridade que arrebata. E' uma beleza principalmente feminina.

— Laura La Plante é a mais pura das figuras femininas que já tenho visto. Tudo, nela, dá a impressão de espontaneo, sem es tudo. Seus olhos têm qualquer cousa que riem, se bem notarem. E' naturalmente vivaz! Sabe-se, sem saber, que ela tem um humor natural, espontaneo.

— Mary Astor tem toda a sua figura modelar. E' o tipo classico da amorosa, da adoravel creatura que queremos imediatamente amar. E' de uma beleza calma, digna, admivel.

— Sensual, é tudo quanto posso encontrar para definir Nancy Carroll. Mesmo a sua beleza tem sensualismo, é impregnada de luxuria.

— Marion Davies é uma das creaturas mais adoraveis do Cinema. Projeta generosidade, bom

(Termina no fim do numero).

Marlene...

Gloria Swanson

Ann Harding

Sidney Fox

FRANCES DEAN.

FRANCES

FAY PIERRE.

FLORENCE
BRITTON

BILLIE
DOVE

BARBARA
WEEKS.

Novas estrelas da United Artists...

INA
CLAIRE

SHIRLEY
GREY

Enfermeiras de Guerra

(WAR NURSE)

Na guerra, mais d[illegible] :mens, aqueles que [illegible] as armas e corriam para a [illegible] e para a miseria fizica, sofre[illegible] terriveis choques e tornaram-se he-roinas admiraveis as mulheres que serviram os corpos de enfermeiras.

Dia e noite diante do sangue, sempre apreciando, na cura sem fim, o terror daquela carnificina medonha, a negra tragedia daquela humanidade toda a se estraçalhar bestialmente, naquela fórma ... E, o que era peor, com certeza, sem o poder da reação. O homem ainda vai lutar, vai se distrahir, vai para matar ou para morrer. A enfermeira, não. Não reage. Recebe, sempre, a ofensa medonha que lhe fazem aqueles feridos que são a prova das suas pussilaminidades de mulheres e jamais podem reagir, como querem, ás vezes, apenas para dar um desabafo aos nervos.

—oOo—

Já se achava em França, quando começa a nossa historia, mais de um destacamento americano mal albergado e cheio de enfermeiras, auxiliares, pronto para entrar em fogo, pela grande causa.

Desesperada com a partida de seu filho, madame Whitney, ingressando pelo meio da melhor sociedade americana, propoz que se unissem aquelas conhecidas, todas e, num grupo de enfermeiras, partissem para as linhas de frente afim de ajudarem, heroicas, na medida do que pudessem, a suavizar os sofrimentos dos pobres soldados que a cada segundo tombavam estraçalhados, uns, feridos, outros, mortos, ainda outros.

Entre as pequenas que se alistam sob o chamado de madame Whitney, estão Joy, cada vez mais linda e deliciosa, Babs, a mais simpatica entre as simpaticas, Rosalie, a brejeirice feita mulher, Cushie, uma bôa alma e um maior coração e, ainda, um grande numero de outras que prontamente atenderam ao apêlo daquela mãe tão justamente ferida no seu coração.

Joy, acostumada á uma vida de luxo, conforto e bem estar, é a primeira a estranhar a medonha luta que se descortina aos seus olhos e que ela jamais pensára encontrar, viva assim. Dia a dia, entretanto, cicatriza-se seu coração á saudade do paiz que longe ficára e do conforto que lá tambem ficára e vai-se fazendo, meiga e bôa de coração como é, uma das mais prestimosas e esplendidas entre as enfermeiras de madame Whitney.

Na sua atividade de todos os dias, Joy conheceu Robin, um soldado ferido que precisou dos seus prestimos. Num instante acharam-se engolfados pela simpatia mutua que creceu de pronto em ambos os corações.

Da noite para o dia, encontrando, em meio aquele poço de sangue e sofrimento, uma alma que a compreendeu e a aceitou, para amar, Joy nele confiou de corpo e alma. Ao primeiro beijo seguiu-se outro, á este, mais outro e, quando deu ela conta de si, tinha-se feito amante de Robin, num exesso de confiança que de si mesma duvidava e que, quando deu acordo de si, achou que tinha sido demasiada, porque êle tinha que voltar para o *front* e ela, infeliz, para sempre ali ficaria na espétativa de um regresso incerto, que para êle era a sua propria reputação e para êle?... Apenas êle o sabia...

No dia imediato, antes de partir, Robin confessa-lhe que, na America, tem uma esposa legitima que o espera. Era, para ela, a desgraça irremediavel, portanto. E quando Robin parte, no coração da pobre moça nada mais deixa do que uma imensa impressão de desconforto e desamparo que a torna terrivelmente infeliz.

Depois da partida de Robin, Joy começa, por seus atos impensados, justificados apenas pela sua insegurança, na vida, a merecer absoluta censura da parte de madame Whitney e, certa de que jamais poderá ser digna, entrega-se completamente ao procedimento máu que a faz transferida para Paris, em pouco tempo, "a bem da moralidade do corpo de enfermeiras Whitney"...

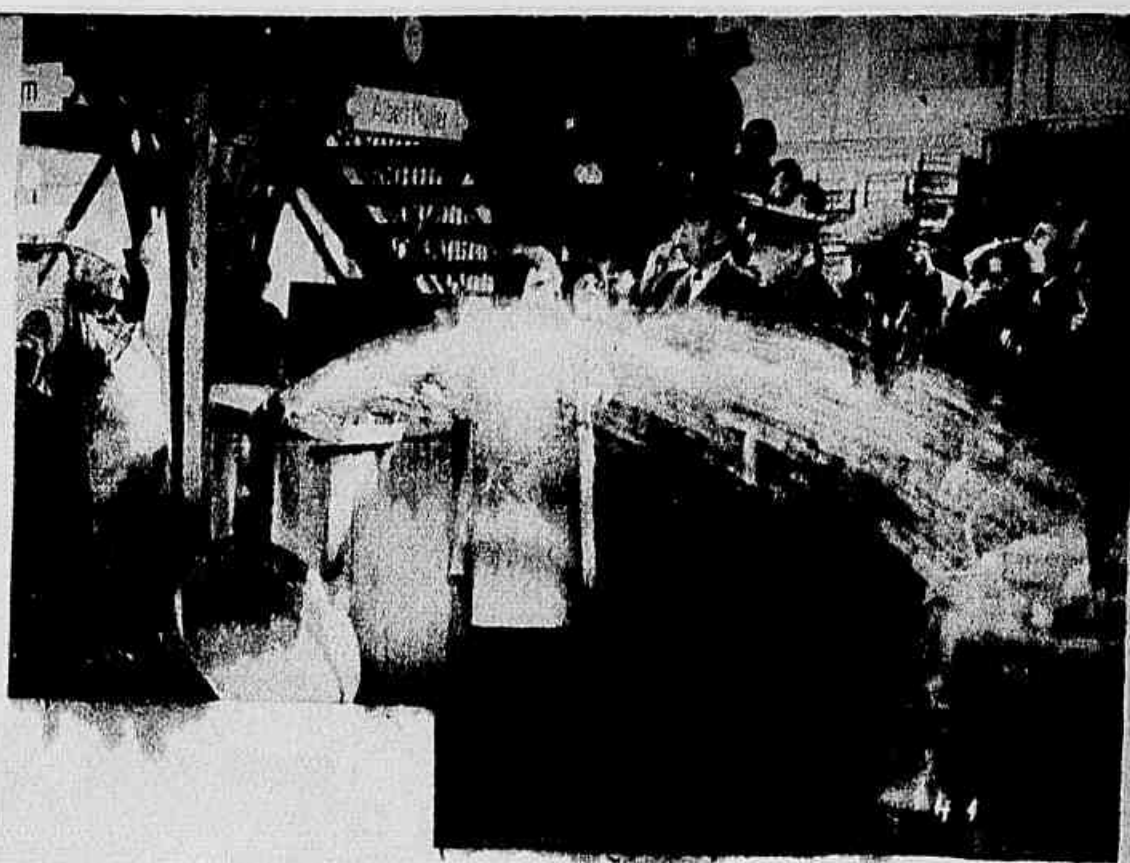
Na grande cidade que, apezar da guerra, ainda reunia seus prazeres, Joy peores passos dá e mais ainda entrega-se ao seu rebaixamento moral e ao seu novo genero de vida. O que ela quer, apenas, é esquecer a sua grande magua. No alojamento, onde ela se achava por-

(Termina no fim do numero).

FILM DA M. G. M.

ELENCO:

ANITA PAGE .... *Joy*
ROBERT MONTGOMERY ...... *Wally*
June Walker .... *Babs*
Robert Ames .... *Robin*
Marie Prevost .... *Rosalie*
ZaSu Pitts .... *Cushie*
Helen J. Eddy .... *Kansas*
Hedda Hopper .... *Matron*
Eddie Nugent .... *Frank*
Martha Sleeper .... *Helen*
Michael Vavitch .... *Doutor*
Diretor:: — EDGAR SELWYN

CENAS
DO
FILM
ALEMÃO
"DAS EKEL"

Ao lado, Evelyn Holt

Direção de F. Wenzler e E. Schüfftan.

E. UNDA,
MAX ADALBERT
E H. WAGNER
SÃO OS
PRINCIPAIS

FUTURAS

Joan Crawford em "This Modern Age"

A FREE SOUL (M.G.M.) — o film segue quasi integralmente a esplendida novéla de Adela Rogers St. Johns. O papel de Lionel Barrymore, o de um advogado criminalogista viciado em bebida, é estupendo. Norma Shearer, excelente, tem o papel, da filha do mesmo. Seus vestidos são de tirar a respiração, todos, principalmente pelo lado ousado dos mesmos. Não seriam usaveis, entretanto, na *sua* casa... Clark Gable e Leslie Howard, esplendidos, ambos. A historia refere-se á uma pequena moderna criada pelo seu inteligente mais descuidado pai, sob o prisma de fazer aquilo que quizesse. A ser uma "alma livre", em suma. Ela agrada-se de ter uma aventura sordida com um jogador, que, afinal, descobre ser um patife. De qualquer fórma, entretanto, veja !

SMART MONEY — (Warner) — Um film que se move tão rapidamente quanto o dinheiro que corre pelas bancas das suas mesas de jogo. Risadas e diversão exitante vêm das primeiras ás ultimas cenas. Edward G. Robinson apresenta mais um notavel trabalho como já o fez em *Little Cezar*. Êle não é, neste, entretanto, um chefe de quadrilha e, sim, um barbeiro de aldêa que as cartas, dados e cavalos de corridas favorecem, tornando-o o rei do jogo. As louras são o seu fraco. São, para êle, contudo, tão desastrosas quanto as mesas são felizes... Incidentalmente, vêm, para êle, como *taxis*, numa rua de movimento: uma atraz da outra. Evalyn Knapp, Noel Francis, Margaret Livingston e Gladys Lloyd (esposa dêle Edward), são algumas das pequenas.

THE SMILLING LIEUTENANT — (Paramount) — Pelas mãos de Lubitsch, volta-nos Chevalier num dos mais agradaveis e melodiosos dos films que temos visto, ultimamente, principalmente sob o ponto de vista de diversão. E que alivio é ver-se um film assim, numa epoca destas, de tão máus trabalhos... Chevalier, como nunca esteve, é um oficial austriaco que ama a regente de uma orquestra (Claudette Colbert), mas é forçado a casar-se com uma princeza de um dêsses reinados dos sonhos de George Barr Mc Cutcheon. E' na verdade, um esplendido film educativo para as pequenas que ainda pensam em se conservarem "á moda antiga"... Se precisarmos de homens e mulheres envolvidos em historias sobre triangulos amorosos, embora os mais complicados, chamemos Lubitsch em nosso socorro. Êle é o unico que sabe fotografar uma historia quentissima de amor e, ainda, conseguir com que digam os censores que "não é tanto assim"... As platéas rir-se-ão e divertir-se-ão imensamente. E' um remedio para qualquer tristeza. A musica é em geral tão bôa, que citar esta ou aquela é cometer rata. Miriam Hopkins, como princeza, admiravel. Claudette Colbert, igualmente, magnifica. George Barbier, como rei, uma "novidade". *Ja wohl*, Herr Lubitsch!!!

DADDY LONG LEGS — (Fox) — Depois de uma onda de films de *cow boys*, historias sobre sexualismo,

Mary Brian e Marie Prevost em "Waiting at the Church".

aventuras de contrabandistas e outros "casos" assim, este trabalho é alguma cousa que parece uma briza de pureza sobre um campo toldado de vicio. Janet Gaynor, como a pobre pequena do orfanato, Judy Abbott, e Warner Baxter, no papel do solteirão que a adota e, depois, apaixona-se por ela, formam uma combinação de energias artisticas que é uma das mais agradaveis e bôas que já temos encontrado. Ambos esplendidos. O papel de Janet, então, parece ser talhado para ela. A versão silenciosa, de ha anos, com Mary Pickford, foi um dos seus melhores films, mas esta versão falada é muito melhor. Como peça de teatro, foi uma das que deram mais fama a Ruth Chatterton. Não temos problemas sexuais, nem *cocktails* tomados sob beijos alucinantes, mas temos um argumento humano, tratado com profundo sentimento. Una Merkel, John Arleedge, Stepin Fetchit, figuram, bem, todos. Indo assistir este film, terão encorajado os produtores a fazerem mais cousas dignas e bonitas como esta. Um film para crianças e adultos.

YOUNG DONOVAN'S KID — (R.K.O.) — Richard Dix num assunto de contraventores da lei. Mas não acaba, mesmo, esta epidemia?... O lado bom, entretanto, é que o film realmente tem seus meritos e Richard Dix figura esplendidamente nesta historia tirada do *Big Brother*, de Rex Beach. Jackie Cooper, o garoto do *Skippy* de tanto sucesso recente, rouba o film. Um bom espetaculo.

Richard Dix, Boris Karloff e Jackie Cooper em "Young Donovan's Kid".

THE VICE SQUAD — (Paramount) — Além de ser alguma cousa que lhe agradará, é um film que vai fazer pensar. Mas não se alarmem! Não é um film de tése, mas a situação geral, é tão tremenda, que torna a atitude de todos, nêle, compreensivel. Você compreende porque existem e assim procedem os caráteres vividos por Paul Lukas, Kay Francis e Helen Johson. Compreende e esquece-se de que êles são artistas representando papeis. A historia refere-se á vida de um cavalheiro que é forçado a proceder mal e, mais tarde descobre o caminho para a felicidade, mas sacrifica-o no altar da ética. Um tema admiravel e profundamente humano. Era um film talhado para William Powell, para o qual, aliás, chegou a ser comprado. Mas Paul Lukas, seu substituto, não deixa a menor saudade do William que a Warner contratou. Todos do elenco, excelentes.

THE LAWYER'S SECRET — (Paramount) — Olhe um momento este elenco: Clive Brook, Charles Rogers, Richard Arlen, Fay Wray, Jean Arthur! Está contente? Todos além disso, têm papeis esplendidos e desempenham-nos admiravelmente. Charles Rogers não é o rapaz bonito e interessante de sempre, apenas, não. Apresenta-se, pela vez primeira, como um verdadeiro artista de inegaveis meritos. Êle é um rapaz que tenta pôr a culpa de um assassinato sobre costas alheias. Um drama intenso e profundo. Veja-o, de qualquer maneira.

Clara Bow em "Kick In"

Cena de "Up Pops the Devil"

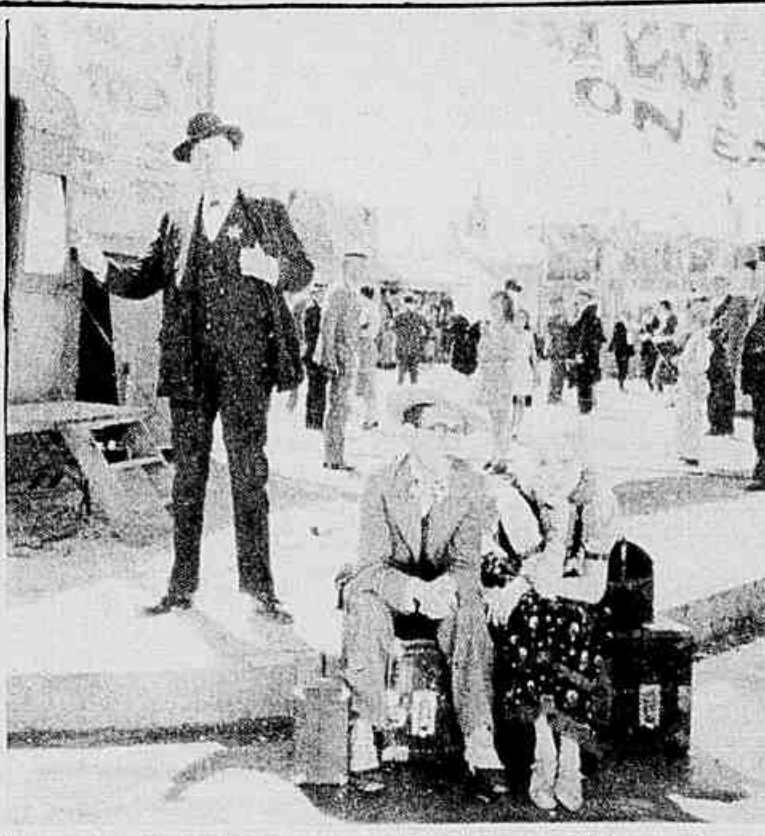
Clifford Dempsey, Robert Woolsey e Anita Louise em "Everything's Rosie". Atenção com esta Anita...

L'OPERA DE QUAT'SOUS — Pabst toca, com este film, o cume da sua arte. Deploravel, com certeza, a censura que nos priva de assistir a todo o seu trabalho, uma cousa admiravel de ironia e satira mordaz. Para os *fans*, um regalo. A musica, para os que a comprehenderem, admiravel, igualmente. A interpretação é de primeira qualidade. Préjean e sua esplendida companheira, Florelle, uma criatura exquisita, merecem todos os elogios. Valem por bons artistas do Cinema. Gaston Modot compoz o tipo de Pitchun com felicidade. As cenas do casamento de Polly e Mickie são admiraveis. Devemos elogiar a Pabst, mais uma vez, pela sua coragem de fazer um film assim numa epoca destas.

ALWAYS BOODBYE — (Fox) — Esta Elissa Landi tem tudo: encanto, graça, beleza e arte. Pena é que tenham sido tão fracos os materiais que até agora lhe foram confiados para viver. Não é, este, um máu film, mas é demasiadamente comum, vulgar. Lewis Stone e Paul Cavanagh têm os primeiros papeis masculinos. Elissa Landi, entretanto, merece ser vista. (Lembram-se dela em *Nell Gwynn*, ao lado de Dorothy Gish?).

LE PETIT CAFÉ — (O Café do Felisberto) — Paramount — Por curiosidade, uma critica francêsa sobre o film que recentemente assistimos: Tem Maurice, emfim. O nosso Maurice! O inegualavel Maurice que salva a situação. Emprestou a Albert Loriflan o seu sorriso tradicional e o seu espirito admiravel de fino comediante. Além dêle, a figura de André Berley (mas por que, bom Deus, fazerem-no ter papeis comicos?) a graça esfuziante de George Davis, a inteligencia de Françoise Rosay, a beleza de Tania Fedor e todo o amor de Yvonne Vallée pelo seu Maurice. Apezar disto tudo, entretanto, não agrada... Mas o que poderiamos esperar, mesmo, de um assunto parisiense, dirigido por um allemão e feito sob a atmosfera de Hollywood? Os versos e os dialogos, são do terrivel Bataille Henry (não confundir!) e a voz de Maurice nem por isso ganhou com a exportação... Ah, senhores americanos! Vossos *dollares* nos compram tudo. Literatos, autores, *estrellas*, *astros* e mais o que queiram. Não comprarão nunca, isto eu vos garanto, apenas uma cousa: o nosso espirito de parisienses! Ainda que recorram a Tristan Bernard...

ESTRÉAS

HIGH STAKES — (R.K.O.) — Sem Lowell Sherman, teria sido um film fraco, mas, com êle, tornou-se alguma cousa digna de se ver. Êle sabe trabalhar e dirigir e, em ambos os papeis, sái-se bem. Êle é um detetive amador fazendo-se de bebado para servir a Mae Murray. Disseram, no Cinema, que Mae Murray está mais afetada do que nunca. Será?...

UN TROU DANS LE MUR — (Paramount-Joinville) — René Barberis, com este film, nada consegue de novo. Dolly Davis, Jean Murat, Marguerite Moreno, Bélières e Pierre Brasseur figuram. A historia não tem pretenção alguma, senão divertir e isto o consegue, em parte. Não é estupendo, mais é agradavel.

Paul Lukas em "The Vice Squad"

THE MAD GENIUS — (Warner) — Magnificamente produzido e fotografado, mas a representação de Barrymore é tão perfeita, que faz esquecer isto tudo e torna o film de máu gosto... Êle, como o aleijado filho de uma grande *danseuse*, tem a ambição de vencer, em bailados e como não é possivel a êle realizar isto, entrega isto a um seu *protégé*. Este, entretanto, apaixona-se por uma das bailarinas... Marian Marsh é mais uma vez a pequena.

Jack Holt e Mary Astor em "White Shoulders"

MON GOSSE DE PÉRE — (Pathé-Nathan) — A comédia de Leopold Marchand oferece situações tipicamente Menjou. Êle, com quarenta anos, casa-se com uma pequena de menos de vinte e, de volta da viagem de nupcias, encontra seu filho, um rapaz de vinte anos, de volta dos seus estudos. Para os seus desejos, o filho (Roger Treville) encontra todo o apoio da sua madrasta jovem (Alice Cocea). E as situações que se desenvolvem são esplendidas. Adolphe Menjou, no papel de pai, esplendido. Revelam alguns dos seus modos, que êle não é um parisiense autentico, mas, apezar disso, é esplendidamente distinto e fino. Alice Cocea é uma figura esplendida e muito futuro tem no Cinema falado. Com o teatro, adquiriu uma grande experiencia. Roger Tréville, entretanto, para nós foi a verdadeira revelação do film. E' um galã completo. Ha canções bastante bôas para serem ouvidas e a direcção de Jean de Limur é agradavel.

Miriam Hopkins em "The Smiling Lieutenant"

THE MAD PARADE — (Liberty) — Antes de você jurar que nunca mais verá um film sobre guerra, veja este. E' curioso e apresenta uma novidade em Cinema: um elenco absolutamente feminino, isto é, sem um só homem. O sofrimento das mulheres, neste film de guerra, é ás vezes maior do que o dos homens e Evelyn Brent é uma figura que se impõe, da primeira á ultima cena. June Clyde conquista o segundo logar. Lilyan Tashman, Louise Fazenda, Fritzie Ridgeway e outras, figuram.

UP POPS THE DEVIL — (Paramount) — Steve, um jovem amarrado á sua mesa de trabalhos, como agente de publicidade, pensa que é capaz de escrever uma novela admiravel, se tempo para isso tivesse. Fica em casa, á noite e escreve. Sua jovem esposa, por sua vez, emprega-se como corista de um teatro. Norman Foster é Steve. Carole Lombard a esposa. Skeets Gallagher, Stuart Erwin, Lilyan Tashman e outros, ajudam. Um bom film.

YOUNG AS YOU FEEL — (Fox) — Um outro bom film com Will Rogers, suficientemente engraçado para fazer esquecer uma dôr de dentes, mesmo... Will é um senhor que descobre que um pouco de *Champagne* e Fifi Dorsay são os ingredientes suficientes para fazerem-no mais moço do que aos filhos. Ha dialogos *risqué*, mas nenhum é sordido. Lucien Littlefield, engraçadissimo. Fifi, adoravel.

JA' FALAM DO SEU ROMANCE COM MARY BRIAN...

JACK OAKIE E JACKIE COOPER

Com June Collyer

MITZI GREEN

Um pouco de Reginald Denny

Reginald Denny, um inglês calmo como todos os ingleses e como êles tambem razoavelmente imperturbavel, disse-me, quando o entrevistámos, entrando, primeiramente, pelo assunto do seu contrato antigo com a Universal, que foi quebrado por acordo mutuo, quando ambas as partes reconheceram que não se podiam mais manter, juntas...

— Foi uma experiencia das mais duras.

E, de fato, foi. Êle lutou, longamente, contra uma serie de máus argumentos, de films sem importancia. Quando tinha oportunidade de um bom papel, fracassava imediatamente a mesma... *O Bruto Colossal* não se repetiu, infelizmente para êle e, assim, Reginald Denny permaneceu num genero de farças que o iam aniquilando e tirando de si toda a esperança de uma vida melhor, como artista.

— Uma cousa aprendi, em tudo isso, sem duvida: conservar a bôca bem fechada... Depois disso tenho tido suficiente tempo para pensar, palavra e já não tinha agido tolamente como agia antes. Eu estava sendo absolutamente derrotado pelos meus máus films e, assim, que esperanças poderia ter de ser, mais tarde, novamente um sucesso? Vejo, hoje, que ser agradavel, cortês com todos, só traz vantagens. Ás veses tenho impetos de gritar, de replicar. Mas contenho-me e ensinou-me suficientemente a experiencia que calando-me lucro muito mais... Principalmente com os produtores!

Falando dos seus mais recentes papeis, diz êle, exemplificando o quanto afirmava, relativamente ao ponto de discutir com produtores.

— Tenho tido papeis muito melhores do que aqueles que tinha antes. Mary Pickford fez construir um papel especialmente para mim, em *Kiki*. Os diretores, igualmente, depois que deixei de ser *astro*, têm-me tratado com muito mais atenção. Antigamente não gostavam de dar ouvidos. Hoje, não: atendem a um pedido que faça e, mesmo, chegam a concordar na mudança de dialogos, quando a sugestão é minha. Quando sinto que uma frase, um dito é improprio e pouco correto para eu dizer, reclamo, com calma e com delicadesa. Consigo tudo! Êles me atendem, prontamente! Não tenho hoje, sinceramente, nada que me preocupe, que me agite. Tudo vai bem.

Quando êle deixou a Universal, tendo cortado um ano de contrato, por seu pedido e pleno acôrdo da fabrica, disseram-lhe que não conseguiria mais trabalho. Fez, no entanto, oito films num ano e estabeleceu de vês e para sempre a sua personalidade, no Cinema, conseguindo, no film falado, o mesmo sucesso que conseguira, antes, no film silencioso.

Durante os seus seis anos de contrato com a Universal, Reginald sofreu de ataques agudos de neurastenia e muitas veses cheguei a escrever, sobre êle, artigos e mais artigos lastimando a sua pouca sorte, nos films... Eu o chamava, naquêle tempo, o "bruto colossal", fazendo jús ao melhor dos seus films. E era mais ou menos isso mesmo o que êle era com a fabrica que o tinha sob contrato... Não dava uma folga nas discussões e cada film que fazia era uma discussão certa que ia ter por causa de tudo e de todos que rodeavam o trabalho... Ha ingleses que resolvem os casos com toda a calma. Reginald Denny tornou-se verdadeiro inglês, apenas agora. Naquêles tempos êle até parecia latino, tão arrebatado era o seu temperamento...

— Até hoje defendo meu ponto de vista. Disse-me êle.

— Êles me levavam para serie mais completa até hoje conhecida, no mundo, de máus films. Parece impossivel, bem sei, mas a verdade é que cada qual era peor do que o seguinte... Historias ridiculas, heroinas principiantes em Cinema, quasi todas, cuidados de produção nulos e isto só com meus films. E' verdade, sim, que eu falava muito, naquêle tempo, mas não podia crêr que fosse o falar que trouxesse todo esse alarmante aborrecimento ao amor proprio da minha carreira.

Perguntámos-lhe o que pensaram seus *fans* dêle no Cinema falado.

— Alguns dos meus films chegaram tarde ao seu destino. Nas cartas que tenho recebido, entretanto, todos êles se mostram favoraveis a mim, no Cinema de voz. Cousa interessante: parte dêles pergunta por que não faço só comeedias e, a outra parte, por que faço comedias, quando êles me preferem em dramas... Depois da minha saída da Universal, fizeram-se varias negociações em torno de mim e para conseguir-me sob contrato. Não quiz aceitar nenhuma, entretanto, sem que lhes visse possibilidades. Estava eu pacientemente esquecido da vida e sem ligar ao meu nome de Cinema que já se ia sumindo no horizonte do esquecimento, quando, um dia, um garoto de rua me despertou essa idéa que foi justamente aquela que me fez tomar mais depressa a melhor das minhas resoluções. Disse-me êle, chegando-se a mim com um caderninho de autografos: "Você é Reginald Denny, não é? Eu me lembro, você costumava aparecer em films, ha muito tempo... Escreva aqui, sim?" E entregou-me o album onde pus qualquer pensamento e assinei. Era uma opinião por demais sincera para que eu a desprezasse. Eu tinha sido Reginald Denny... Era fato! Se não cuidasse de mim proprio, com mais carinho, daí para diante, com certeza jamais voltaria ao sucesso, na minha carreira de coração. E qual a atitude dos produtores da minha profissão? Cordial, sim, mas bastante ambigua. Os produtores, ranzinzas, não se mostravam interessados em mim. Encontrei, mesmo, um desinteresse absoluto em torno do meu nome. Nenhum dêles foi rude ou malcreado, é certo, mas todos êles foram medonhamente frios... Recebiam-me com politica, sim, mas só me davam promessas muito vagas. Talvez houvesse alguma cousa para mim, diziam, mas o fato era que os artistas que já tinham sob contrato não permitiam que êles me utilizassem, para tais fins. Havia uma pendencia com um produtor inglês. Devia fazer alguns films, aqui, financiados por gente da Inglaterra. Já estava tudo mais ou menos certo, sobre isso, quando alguem daqui se meteu no meio e fez outra proposta. Começaram, depois disso, a melhorar sensivelmente as cousas. Eu, entretanto, não fazia fé em nada. Sentia-me profundamente abatido, aborrecido e desanimado. Ciumes dos outros que venciam? Medo de um fracasso radical? O que seria? Era amor proprio! Não ha um só *astro* de outros tempos que não sofra profundamente no seu amor proprio quando se vê desprezado por aquêles que viviam tirando-lhe o chapéu... Não encontrei muitos amigos e nem muitas consolações. Entre os raros que me procuraram, naquela epoca, supondo, naturalmente, que eu estivesse terrivelmente mal de vida, acham-se Ronald Colman e poucos outros. Ronald, meu bom amigo de muitos anos, mesmo, chegou a oferecer dinheiro e outro qualquer auxilio do qual porventura necessitasse. Entretanto, tal não se dava. Eu não tinha o menor aborrecimento financeiro nisso. Quanto a dinheiro, tudo ia bem. Era meu orgulho de artista, o meu amor proprio que em impediam de continuar naquilo que eu já considerava o meu maior fracasso.

Quizemos saber se sua esposa era companheira, bôa, meiga e animadora. Êle fez um silencio que tomamos por discreção britanica e, depois, respondeu:

— Bubbles tambem andava triste, sim... Mas nunca deixou de ser meiga, bôa, carinhosa e afétiva. Nela eu sempre encontrei alivio para minhas tristezas, mesmo quando desanimava. O que eu não sabia era se devia continuar dando festas ou não. Se continuava mostrando-me alegre e feliz, ou não. Precisei vender meus quatro aeroplanos. Custavam-me muito para sustentar e um artista desempregado sempre deve poupar um *lucro* que acaba, quando é assim desacatado.

Daí para diante, entretanto, a sorte mudou muito mais para Reginald Denny. Com a sua voz de baritono, bastante afinada, fez um regresso feliz ao Cinema e, pelo seu merito de esplendido farcista, deu-lhe a M.G.M., logo depois, um contrato importante e longo. Um contrato que lhe valeu descanso feliz e ausencia completa de aflições. O film que êle fez para a Sonoart, *What a Man*, deu-lhe oportunidade para cantar alguns trechos e reviver sua voz que antigamente era bôa. Este fato foi mencionado a Cecil B. De Mille que andava em busca de um baritono para ter o primeiro papel masculino do seu espetaculo majestoso, *Madame Satan*.

— Conheciamo-nos apenas ligeiramente. Recomendado por um amigo, pediu-me êle que o procurasse. "Canta"? Perguntou-me êle, quando nos avistámos e entrámos pelo assunto. Eu lhe respondi que acreditava que ainda não houvesse lamentavelmente esquecido a minha bôa voz de outros tempos. Tirámos *tests* de voz. O film era um misto de farça e melodrama. Êle teve fé em mim e até hoje eu lhe sou grato por isso. Quando o film foi exibido e verifiquei que não lhe servi de desilusão, mais satisfeito ainda fiquei.

Seguiram-se, depois, desse, muitos outros films, rapidamente. *A Lady's Moral*, como galã de Grace Moore, para a M.G.M.; *Kiki*, como galã de Mary Pickford, para a United; *Parlor, Bedroom and Bath*, com Buster Keaton, para a M. G. M.; *Paixão de Mulher*, com Jeanette Mac Donald, para a Fox e mais outros sucessos. A sua maior ambição, entretanto, é tornar-se diretor.

— Não sei nada mais senão representar. Foi o oficio principal dos meus e é aquêle que me faz ganhar a vida. Sou de Surrey, cidade na qual tambem naceu Ronald Colman. Sempre tive, desde pequenino, pendor pela arte da representação. Aos sete anos, no Court Theatre, de Londres, dei os primeiros passos na minha carreira. Daí para diante, até ao sucesso presente, tudo tem corrido da mesma forma...

Blusas com malhas e crochet

AMPLA ESCOLHA ENTRE UMA VARIEDADE DE DESENHOS.

Ha não muito tempo, estes mesmos trabalhos em melha e crochet, vocês o chamavam de **"sweaters"**. Agora, são blusas. Isto, dizemos, esta mudança, apenas por causa da sua aparencia. Como são feitas e como se apresentam, nos corpos que as vestem, é uma cousa que muito se parece com a anterior já citada, aos olhos da apreciadôra de modas.

As senhoras elegantes, usam-nas, entretanto, como usavam, antes, blusões de seda. Com vestidos e enfeites separados.

Feitas com tecidos de lã ou misturas de seda e lã, têm elas, em geral, vários dos detalhes que celebrisaram as mais elegantes blusas de seda. Encontramo-nas com nervuras nas gólas e punhos; efeitos plisados; bolerinhos e cintas; mangas curtas ou compridas.

EFEITO COM LAÇOS

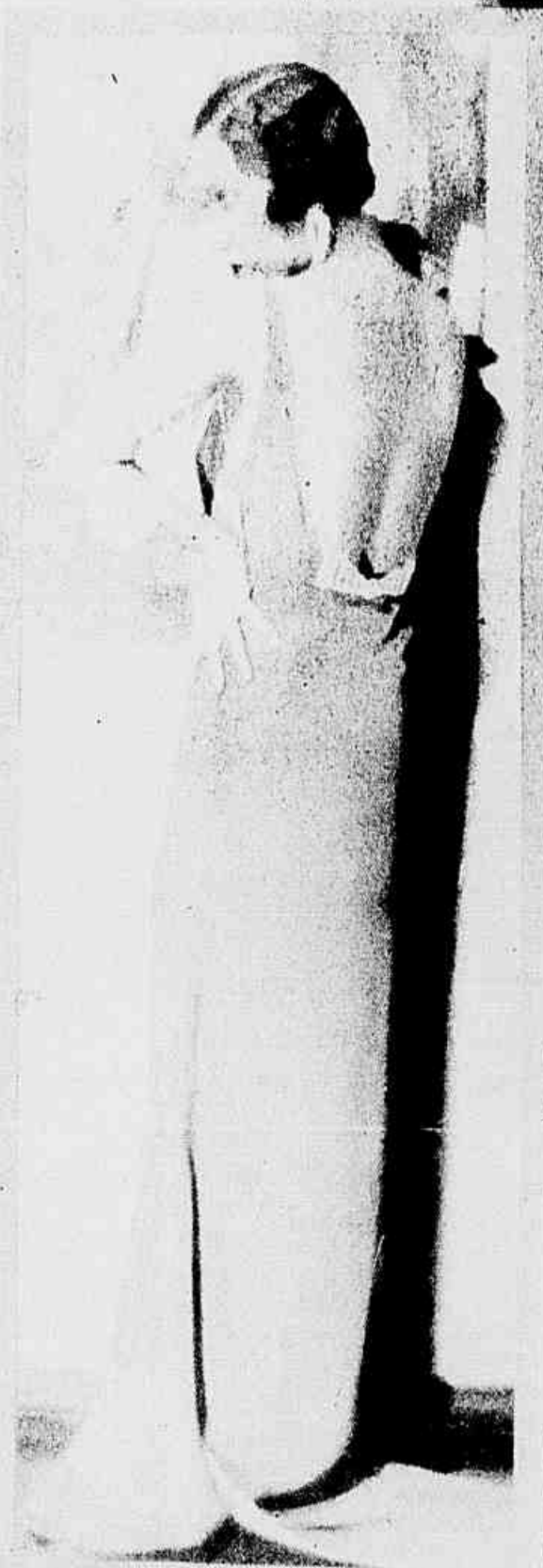
Algumas empregam laços traçados, sob efeito, a tiracólo. Combinação em duas côres, geralmente claras e escuras em mistura.

O formato das mesmas é identico ao das blusas de seda, repetimos e os seus estilos, embora váriados, pendem, todos, para este mesmo lado.

O NOVO MODELO SERVE TAMBEM COMO "SWEARTER"

Não importa a côr. Em quaesquer se pódem encontrar estas blusas de malha e crochet. As côres mais claras, entretanto, isto é, palidas, como o cinzento brando e o creme, assentam admiravelmente. O seu estilo, váriando pouca cousa, dá a impressão de **"sweater"**. As senhoras ou senhoritas que jamais apreciaram a masculinidade do **"sweater"**, propriamente dito, mas que apreciam, sem duvida, o aquecimento brando do mesmo para as tardes elegantes de inverno, estão encontrando, nestes blusões de malha e crochet um admiravel recurso para suprir a falta de um **"sweater"** feminino. Uma solução elegante, sem duvida?

Os desenhos que publicamos, anexo á este comentario, mostram os efeitos dessas blusas e dão, ainda, a impressão que queremos que elas dêem as pessoas que usarem: não parecem trabalhos de malha e crochet. E' um estilo que une o comodo ao elegante, rarissimo efeito conseguido nem sempre. Os laços empregados, tanto pódem ser usados pelo lado de dentro, isto é, simulando enfiarse pelo saióte, ou pelo lado de fóra, pendente, dando uma impressão igualmente interessante. A primeira tem uma gólinha com nervuras delicadas e, sem manga, isto é, com meia manga, dá uma impressão muito interessante e agradavel aos olhos. O terceiro modelo, já, tem suas mangas compridas e o estilo da góla aproxima-se um pouco do boléro. Um cinto identico a góla e punhos, idem, completam o conjunto harmonioso.

E' esta a moda das blusas de crochet e malha. Esperamos que elas lhes agradem.

ANITA LOUISE

GLORIA SWANSON

DOROTHY JORDAN

RITA LA ROY

Ramon e Madge Evans em "The Son of the Rajah"

Ramon vai deixar o Cinema?

Ramon Novarro, dentro de pouco tempo, dirá ao mundo alguma cousa a respeito dos seus proximos planos. O que será?

— Tenho mãos e lingua presas, por lealdade contratual, até Junho.

Disse êle, referindo-se ao caso de dizerem, alguns jornalistas, que êle e a M. G. M. não andariam, ultimamente, de mãos dadas.

— Até lá, nada direi além disto.

Novarro, o primeiro dos invassores mexicanos de Hollywood, atinguiu, agora, o ponto cruciente da sua carreira. Depois de dez anos de **astro,** com a M. G. M. um **record** sob qualquer aspéto, para qualquer artista, tendo sido sempre considerado como um dos nomes de mais sucesso da industria toda, terá o seu contrato com toda a certeza renovado e, insistentemente solicitado por parte dos produtores, naturalmente, os mais interassados na questão.

Da parte de Ramon, entretanto, uma cousa parece ser garantida: Studio algum terá o seu nome no elenco, até Dezembro de 1931. Está totalmente inteirado de pasta, cosmetico e planos de produções. Quer ir para longe de Hollywood, o mais longe possivel, afim de descançar completamente, tendo um contrato terminado e, assim, ser dono, por alguns instantes, embora, de toda sua liberdade para cantar, falar e dizer o que quizer e muito bem entender.

A sua vontade é dar a volta pelo mundo todo. O seu plano definitivo de viagem, entretanto, é Paris. Saia êle de Hollywood ou de New York, volte pela India ou pelo Japão, Paris é o seu ponto de concentração e o local da sua permanencia até principios de 1932, mesmo. Lá aperfeiçoará êle o seu fracês, continuará seus estudos vocaes e passará as horas de sobra em descanço absoluto. Sem esta viagem e sem Paris, nada disto poderá êle realizar ou conseguir.

Que tem havido dificuldades entre o **astro** latino e a M. G. M., que, aliás, tem ganho perto de cem mil **dollars** por film, é evidente. Estes dois ultimos mezes é que têm trazido, vivos, estes acontecimentos. **Daybreak,** filmado da obra de Arthur Schnitzler, o escritor vienense, fio de historia de assunto fraco, provou ser um fracasso. Retomaram-se indefinidamente várias cenas e filmaram-se até dois finaes: o feliz e o infeliz, com o suicidio imaginado pelo autor do argumento.

Noticias de **set,** dizem que não houve apenas um diretor e, sim, tres. Iacques Feyder, inteligente e francês no espirito, embora belga de nascimento, tomou **oficialmente** o megafone. A sua doença constante, proveniente da sua saúde fraquissima, deu, entretanto, a Ramon Novarro os direitos quasi de inteiro diretor do film; Bernard Hyman, por sua vês, meteu o bedêlho e andou ensinando artistas. O adagio de que "muitos cozinheiros estragam o petisco", deu certo... Consta, mesmo, que Ramon pretendeu comprar o film para inutilizal-o, para que o mesmo não fosse comprometer os seus conhecidos recursos artisticos. Alguns outros observadores, notaram que a Jean Hershot deu-se demasiada margem para representar e aparecer. Não se importaram, com isso, que acontecesse a êle, Novarro, o que já acontecera a John Gilbert, no caso de **Way For a Sailor,** film que Wallace Beery, seu parceiro, roubou totalmente... Embora os seus mil **dollars** não se comparassem aos 500 mil de John Gilbert, Ramon achou que isto não era direito...

A recente idéa de dirigir, que tomou o espirito todo de Novarro, ultimamente, tem, sem duvida, influido muito nas suas novas clausulas para um contrato. Com a rapida e economica direção das versões hespanhola e francêsa de **Sevilha de Meus Amores** (The Call of the Flesh), feito sob sua total orientação, não se satisfaz êle, agora, em ser apenas um joguête nas mãos de qualquer diretor. Êle quer ser diretor e fazer seus proprios films em inglês, hespanhol e francês. Diz Novarro que a M. G. M. ofereceu-lhe a direção do seu ultimo film, **The Son of the Rajah,** mas êle preferiu entrega-la a Jacques Feyder. Apezar disto a produção tambem não caminhou suavemente...

Depois de alguns dias de filmagens, Novarro pediu uma semana de repouso que lhe tinha sido prometida, mas que tinha sido adiada, indefinidamente, até ocasião oportuna, por ensaios, planos de produção, **et cetera.** O Studio, como resposta, pediu duas semanas de prolongamento na opção que tinham sôbre o seu contrato que terminava exatamente a 13 de Maio, na qual data estaria tambem concluida a referida produção. Não parecia isto um prolongamento de contrato e nem, tampouco, a oferta que lhe fizéra Irving Thalberg para que dirigisse uma determinada versão em francês.

Novarro acha-se inteiramente intoxicado do que êle chama "papeis infantis e papeis tôlos". Como um joven oficial, em **Daybreak,** êle seduz uma heroina e, isto, pela primeira vez em toda sua carreira de artista... Agora êle tem em mente escrever, representar e dirigir um film sôbre o seu paiz natal, filmando-se no proprio Mexico que ha quatorze anos não o vê. Êle não quer tornar-se produtor. Você, leitôr ou antes leitôra, está cansada de apreciar Ramon nos papeis que lhe têm sido confiados?

Os dois ultimos anos fizeram evaporar-se, do seu cerebro, as suas idéas religiosas de ingressos para conventos. Hollywood, um tanto ou quanto pasma, temno visto em festas e jogos e tem estranhado profundamente essa mesma mudança... Hoje, melhor do que nunca, compreende êle que não se adata, absolutamente, á vida monastica.

Ha anos passados, em Berlin, tentou êle vencer na opera, como vencêra no Cinema e, para isto, escolheu Berlin. Amigos seus, depois do primeiro fracasso, afirmam que não se espantarão se êle agora tentar de novo a mesma cousa, procurando o exito que da primeira vez lhe fugiu. Procedem, os seus amigos, como se êle estivesse para jamais voltar a Hollywood...

Novarro prometeu falar, assim que os seus deveres de lealdade, para com a fabrica que o paga, cessarem. Veterano, aos trinta e dois anos, com enorme nome na bilheteria do mundo todo, esperam, todos que êle não proceda impensadamente.

A TELA EM

Gloria e Lew em "Que viuva"

RIVAL DOS MARIDOS — (The Boudoir Diplomat) — Film da Universal — Producção de 1930.

Se Adolphe Menjou tivesse o primeiro papel, Lubitsch dirigisse e Hans Kraly escrevesse o cenario, teriamos, com este tema da peça de Rudolph Lothar e Fritz Gottwald, um dos melhores films do ano.

Ian Keith, Mal St. Clair e Benjamin Glazer, entretanto, quizeram exatamente o contrario: fizeram apenas um film aceitavel. O material era otimo. Mas tanto o primeiro artista, como o diretor e o cenarista não foram felizes. Faltou simpatia ao primeiro, maior porte e distinção, vestindo o seu papel; interesse maior e compreensão profunda do tema, da parte do diretor; mais Cinema e menos fala ao cenario. São estes defeitos que exibem *Rival dos Maridos* de ser um dos melhores films deste ano.

Apezar disso, entretanto, é um bom film e serve como passa-tempo.

Tema malicioso, ironico, não tem o desenvolvimento que se pensa, mas, apezar disso, a fotographia de Karl Freud, o grande técnico alemão de *Ultima Gargalhada, Fausto* e outros grandes films e a agilidade de *camera* dos apanhados facilitados pela plataforma Paul Fejos... que a Universal tão bem e avaramente emprega, fazem dêle uma diversão agravel e um bom trecho para hora e pouco de divertimento. Além disso, Mary Duncan, linda como jamais esteve; Betty Compson, igualmente formosa e Jeanette Loff, em alguns trechos, valem qualquer sacrificio para serem vistas. A malicia do film é bem para o nosso temperamento e o quadro final do film é uma bôa gargalhada. Para quem compreender os dialogos, mais graça ainda terá o film, pois são bem urdidos e muito interessantes.

Cotação: — BOM

A TCHEKA' — (The Spy) — Film da Fox — Producção de 1931.

Para nós foi surpresa, confessamos, porque fomos para ver um film mediocre, sem grande reclame e além disso, um film que ainda não foi exibido nos Estados Unidos nas principais cidades, porque ainda não ha criticas sobre o mesmo que digam dêle alguma cousa. Surpresa, dizemos, porque fomos para assistir um máu film e, afinal de contas, vimos um bom trabalho. Bom, principalmente pelo seu diretor, Berthold Viertel que conseguiu angulos originais para fotografar seus artistas, momentos curiosos, para focalizal-os e efeitos de surpreendente interesse, durante todo film, principalmente movimentos de maquina e rapidez de narrativa fotografica.

O unico defeito do film é Kay Johnson, demasiadamente fria e deslocada no film, com a sua cara de inglêsa impassivel até á explosão do proprio lar, e isto se desse... Neil Hamilton, Henry Kolker, num tipo bem composto, Maurice Black e mesmo John Halliday, com um pouco de bôa vontade, conduzem bem a historia. Os garotos, todos bons.

Ha, no aspéto russo da historia, muita atmosféra de Hollywood. Notam-se as montagens de *Aurora*, em algumas sequencias e o proprio bonde que George O'Brien apanhava, para ir á cidade, sofre uma explosão, na luta entre povo e governo que se vê.

A finalidade, se é combater o comunismo, falha, porque o final é um elogio ao mesmo, principalmente á orientação do chefe da *Tcheká*, policia secréta do mesmo, personificada por Henry Kolker. Êle faz um homem sensato, inteligente, cordato e bom. Perdôa o homem que conspirava contra êle; censura o fuzilamento brusco do general Silenko; afasta o caso das crianças pobres e orfãs para resolver com calma e, vendo a fotografia da esposa do seu inimigo Ivan Turin, lê na sua fisiomia, dignidade, caráter e fidelidade principalmente.

Um bom film, que prende, pela sua ação e agrada pêlo seu tratamento geral que a direção cunha em todo êle. Ha trechos de bôa musica russa, principalmente aquêles cantados pêlo baixo que, aliás, já ouvimos num *short* da Paramount. A versão é toda falada e a musica acompanha, dando á voz um caráter de som, apenas. Bom sistema. *Tcheká*, um bom film. E... lá se foi o titulo do Serrador...!

Cotação: — BOM.

QUE VIUVA! — (What a Widow!) — Film da United Artists — Producção de 1930.

Não é o melhor film de Gloria Swanson e nem um trabalho que mereça figurar numa galeria de grande films. Mas é, inegavelmente, um dos films mais elegantes, mais bem vestidos e finos que temos assistido e, isto, prova segura de que Gloria Swanson conhece o seu oficio e Allan Dwan, o diretor, o dêle. Owen Moore é a unica figura que estraga o film. Outro galã teria sido muito mais feliz, muito mais oportuno. Quanto ao resto, isto é: argumento, adatação, fotografia, montagens, etc., nada ha a desejar. Ao contrario: ha a elogiar!

Dentro desses formidaveis ambientes, Gloria, talvez um pouco forçada num genero de comedia-farça o qual não é, propriamente a sua especialidade, move-se com sublime elegancia e com um bom gosto de estontecer e céde, elegantemente, as primeiras honras do seu trabalho a Lew Cody que rouba escandalosamente o film. O argumento, de Josephine Lovett, assim como sua adaptação, é outra prova de que esta cenarista conhece o seu trabalho e realiza-o com conciencia. Ha humorismo do mais sadio, graça da mais fina, e da grossa, situações das mais maliciosas, mostradas, entretanto, como Allan Dwan é mestre em mostrar. Toda esta futilidade louca, agradando plenamente á vista, satisfazendo, como calmante, ao espirito e suavizando o coração, fórma um espetaculo digno de vêr-se. Pena que não tenha sido tão feliz a gravação e que o falatorio seja muito intenso, ás vezes, o maior defeito do film. Nisto é que o processo *movietone* é uma maravilha.

Margaret Livingston, Herbert Braggiotti, num tenor hespanhol e Gregory Gaye, num violinista russo, valem o preço da entrada. O resto Lew Cody e sua constante bebedeira fornecerá com sobras

Gloria Swanson é admiravel. Mulher inteligente, fina, bem vestida como um "ultimo figurino." Pena que esteja ficando velha... George Barnes soube fotografá-la e nós não podemos deixar de aplaudir.

Cotação: — BOM.

ESPOSA EMANCIPADA — (Free Love) — Film da Universal — Producção de 1930.

Hobart Henley, um dos diretores mestres em films de assunto conjugal, confirma os seus predicados com este trabalho que Genevieve Tobin e Conrad Nagel vivem nos principais papeis.

E' um film satírico, todo êle voltado, como critica, á certas teorias e á outras tantas normas de vida moderna que hoje em dia assoberbam esposas, principalmente quando mal aconselhadas.

O film é todo salpicado de malicia, profundamente humano, em varios trechos e muito bem dirigido, todo êle, principalmente em trechos como o daquêle murro que Conrad Nagel dá em Genevieve Tobin, inaceitavel em outras circumstancias e chocante feito de maneira menos inteligente. Hobart Henley, entretanto, saiu-se admiravelmente do oficio e produziu um film realmente agradavel e esplendida diversão.

O argumento de Sidney Howard, "Half Gods", prestou-se á um cenario bastante inteligente de Edwin J. Knopf. Este material, vivido pêlos dois já citados, de fórma esplendida, particularmente da parte de Conrad, sincero e bom como poucas vezes o vimos, ainda o é, nos demais papeis, por Monroe Owsley, como amigo principal de Conrad, ZaSu Pitts, como criada, Slim Summerville como apaixonado desta, provocando sequencias de grande valôr comico e, mais, Bertha Mann, Ilka Chase, George Irving, Reginald Pash e Sidney Bracey, numa pontinha, como criado de bordo.

E' inutil citar detalhes da continuidade ou nomear cenas de valôr. Seria tirar o sabor a quem o fôr assistir. A cena final, principalmente pelo lado humano e verdadeiro retratado pelo film de amador que Conrad Nagel projeta, é uma das que merecem citação especial. As iniciais, muito cheias de humor, malicia e delicadeza. O film, em resumo, é todo êle geralmente homogeneo e não chega a caír a ponto de se comprometer. Vale a pena!

Cotação: — BOM.

MULHER DESEJADA — (A Notorious Affair) — Film da First National. Producção de 1930.

A historia que se originou na peça de Audrey e Waverly Carter, é curiosa, interessante e tem alguns momentos realmente felizes. O final é forçado. A adaptação de J. Grubb Alexander tem altos e baixos. A direção de Lloyd Bacon, entretanto, surpreende, em certos trechos, pelo cunho de distinção que dá ao film e pela malicia que suavemente infiltra em muitas de suas cenas.

Um dos motivos de agrado do film, é Kay

Mary Duncan é o encanto do "Rival dos maridos".

REVISTA

Francis, com mais oportunidade do que a *estrela* Billie Dove. Apresenta-se facinante, perturbadôra, mesmo, em algumas sequencias e os detalhes do inicio e alguns outros, tambem, definem categoricamente o seu carater...

Basil Rahhbone é um galã que tem todos os predicados para não agradar. Mas está, neste, dentro do papel, e, por isso, melhora aos olhos mesmo daqueles que não o tolerem. Como violinista que do nada passa á celebridade, imbuindo-se, depois, de convencimento e nervosismo exagerado, tem momentos bons e representa realmente bem. Billie Dove, como esposa delicada e meiga, é a mesma de sempre: bonita como um poema, delicada como um lirio, suave como uma romanza.

Kenneth Thompson tem um papel e não se sái mal. Montagu Love, Philip Strange, Blanche Friderici e Gino Corrado, figuram.

Ha musica pelo film quasi todo o tema é bastante bonito. Ha momentos de bom Cinema, no cenario e um aspéto poetico e artistico acompanha muito da fotografia e vem, tambem, em grande parte, dos trechos musicais admiraveis que acompanham determinadso detalhes, como aquêle em que Billie descobre o lenço da condêssa Olga Balakireff, na caixa de violino do esposo.

Cotação: — REGULAR.

ENTRE ELA E O PAI — (One Round Hogan) — Film da Warner Bros. — Produção de 1928 — (Programa Matarazzo).

Apezar de velho, e film de linha, é aceitavel.

E' uma historia corriqueira e tem um elenco simples: Monte Blue, Leila Hyams (como está diferente, hoje, a Leila!...) J. Jim Jeffried, Frank Hagney, Tom Gallery e Texas Kid. O argumento é de F. L. Griffin e o cenario de Charles R. Cardon. Howard Bretherton dirigiu.

E' um film movimentado, cheio de situações para platéas infantis e, no entanto, agradando tambem ás adultas pelo interesse realmente bom com que elevam a historia até ao *climax*, o jogo final entre Monte Blue e Frank Hagney. Tudo é conhecido, inclisive o auxilio de uma informação de ultima hora, que faz o suposto derrotado vencer... Mas está bem urdido e Howard Bretherton dirigiu bem.

Monte Blue, simpatico, vai bem. Leila Hyams, embora hoje muito mais bonita, agrada. Tom Gallery tem um curto e simpatico papel.

Serve, para matar o tempo.

Cotação: — REGULAR.

AMORES DE FOLGA — (Sailor's Holiday) — Film da Pathé — Produção 1929 — (Programa Matarazzo).

Já velho para a moderna tecnica falada, *Amores de Folga* não oferece qualidade alguma, a não serem Alan Hale, George Cooper e Paul Hurst que têm alguns felizes momentos. Mas estes são muito poucos e pequeninos e, assim, de nada é compensado o espetador. Sally Eilers, a pequena, não está feia, mas tem um papel muito insignificante. Slim Summerville tem uma pontinha feliz, como fotografo e Mary Carr é "Mamãe", mais uma vez.

Já assistimos a muitas aventuras de marinheiros em terra, mas estas são das menos interessantes e das mais "peróbas"...

Alan Hale precisa de melhores films. Êle tem valôr. George Cooper, lento, sem oportunidades. Paul Hurst, idem. A impressão que se tem, assistindo, é que desde Fred Newmeyer, diretor, até Charles Clary, almirante, não houvé, da parte de ninguem, o menor interesse em representar. O melhor artista, assim, chega se á conclusão que é o papagaio...

Joseph Franklin escreveu o argumento e cenarizou-o em combinação, com Ray Harris. Não recomendamos, a menos que seja bom o complemento.

Cotação: — FRACO.

O PRIMEIRO BEIJO — Hom Film — Prog. Novelty).

Uma comedia com algumas cenas de espirito, tendo como estrela, Any Ondra.

Gaston Jacquet, Teddy Bill e Viola Garden tomam parte. Direção de Carl Lamac

Cotação: — REGULAR.

UM SORRISO PARA TODOS — (Sally in Our Alley) — Columbia — (Programa Matarazzo).

Film velho com Shirley Mason... Lembram-se? A historia da orfã adoptada por tres comerciantes do bairro pobre de New York. Alec. Francys, Richard Arlen e Kathlyn Williams, tomam parte.

Cotação: — FRACA.

TRIBUTO DE AMIZADES — (From Headquarters) — Warner Bros. — (Programa Matarazzo).

Monte Blue muito sujo e barbado, Henry Walthall, Eddie Gribbon, Big Boy Williams, Gladys Brokwell, Ethlyn Claire e outros num film sem interesse.

Cotação: — MEDIOCRE.

ALUGAM-SE MARIDOS — (Husbands For Rent) — Warner Bros. — (Programa Matarazzo).

John Miljan, Claude Gallingwater, e Arthur Hoyt... Querem mais? A direção é de Henry Lehrman e isso não é pilheria que se faça.

Cotação: — MEDIOCRE.

A INDICADORA DE CINEMA — (No Limit) — Fil da Paramount — Produção de 1930.

Clara Bow, ha bastante tempo, é bem infeliz com os assuntos que lhe confiam e com o pouco caso que devotam aos seus films. "A Indicadora de Cinema", este que acabamos de assistir, é, com poucas exceções, uma afirmativa disto que estamos dizendo. E' um film muito áquem dos meritos indiscutiveis de Clarinha, sempre tão mal explorados e divertimento apenas regular para qualquer platéa. O que o film tem de melhor, imaginem, são alguns interiores representando um apartamento, montagens que farão Harry Beaumont ficar boquiaberto... E é quasi só... Dentro dêles e numa historia convencional, Clara Bow vive mais uma pequena pobre que se deixa iludir na sua bôa fé e, com sua dedicação e amor, reconquista o homem que a quis iludir e que, afinal, é um legitimo galã.

Entretanto ha alguns trechos interessantes e a graça de Stuart Erwin e Harry Green.

Norman Foster é o galã. Desagradavel e pouco simpatico. Claudette Colbert não teve felicidade na escolha de marido...

Dixie Lee empresta um pouco da sua beleza como companheira de Clara Bow e, se bem que nada faça, aparece e agrada.

Cotação: — REGULAR.

Big Boy Williams e Monte Blue em "Tributo de amizade"

AMOR DE VAGABUNDO — (Pilluelo de Madrid) — (Prog. Argus).

Não é opereta. E' um film espanhol. Margarida Ruber, Pedro Alcolela (!) e um tal Manoel Montenegro são, os principais. A direção é de Florian Rey que já conhecemos bem...

Cotação: — MEDIOCRE.

CORAÇÃO AMOROSO — (Hardboiled) — F. B. O. — (Prog. Matarazzo).

O filho do milionario que não gosta do trabalho e casa-se com uma corista. Ralph Ince é o pae. Sally O'Neill é a corista. Donad Reed o rapaz.

Cotação: — FRACO.

UM CASO SINGULAR — (Scotland Yard) — Fox.

Um film de Edmund Lowe. Aceitavel. Joan Bennett e Barbara Leonard são as pequenas.

Cotação: — REGULAR.

CONQUISTAS E ESCANDALOS — (Soiled) — Film Truart — Prog. Marc Ferrez).

Vivian Martin (imaginem!) tem um importante papel no film. Kenneth Harlan (imaginem de novo!) é o galã. Mildred Harris (férias em algum museu, com certeza...) e Johnny Walker (honrarás tua mãe, sim...), aparecem. Outros velhos: Robert Cain (já falecido ha annos), Mary Alden, Maud George, Alen B. Francis e Wyndham Stdaning, aparecem. Que coleção!!!

E' um film silencioso. Mas desses que não fazem saudades dos tempos silenciosos e provocam a adezão de muitos ao Cinema falado.

Phil Goldstone dirigiu.

Cotação: — MEDIOCRE.

O LIVRO DO DESTINO — (Destinée) — Lutèce Film — Produção de 1925. — (Prog. Marc Ferrez).

Film "historico" sobre os tempos napoleonicos, com a nossa muito conhecida Isabelita Ruiz. Susy Pierson é Madame Tallien o J. Napoleon Michel de Napoleão só tem o nome.

Outras "celebridades" do Cinema francez tomam parte. O film tem apenas seis anos...

Cotação: — MEDIOCRE.

MARROCOS

(CONTINUAÇÃO)

— Da vida eu tenho tido **tudo**! Comprende o que lhe digo?... **Tudo**!

— As outras mulheres que para aqui tenho trazido, Amy, são mulheres tambem que têm passado **tudo**, na vida. Mas eu não tomei a liberdade de lhes oferecer o meu nome, num casamento digno...

Amy compreendeu que havia ferido o amor proprio daquêle homem de caráter.

— Perdoe-me, La Bessière. Eu não havia compreendido a intenção das suas palavras...

— E continúa não compreendendo. Amy! Se você compreendesse, realmente, Amy, você não teria feito esse juizo de mim...

A unica resposta que ela encontrou naquêle instante, foi aproximar-se daquêle homem e beijal-o no rosto. Depois falou, brandamente.

— Tem razão, meu amigo. Eu me sinto extremamente cançada...

La Bessière apoiou-a ao encontro do seu peito e, sem mais palavras, conduziu-a aos seus aposentos onde só a deixou depois que a viu completamente adormecida.

Seguiram-se, para ela, dias de perfeita e absoluta calma. Descanço radical de nervos. Davam, ela e La Bessière, grandes passeios de automovel, pelas redondezas e, da cultura dêle, colhia ela preciosos dados para o maior descanço do seu espirito agitado. E, pelos passeios ou não, as gentilezas de La Bessière eram as mais extremadas e as mais distintas que ela já havia conhecido. Nem mais palavras podia encontrar para compensar todo aquêle devotamento que lhe parecia incrivel.

Uma tarde, quando descançavam, depois de ouvir boa música, num momento em que êle quis saber como andava seu coração, disse La Bessière, bem proximo a ela:

— O capitão Cezar Morreu. O batalhão sofreu grandes perdas. Foram as novidades que hoje me deram a respeito da Legião...

Ela, entretanto, quasi impassivel, não deu a menor prova de se haver alarmado. A resposta que ela lhe deu, naquêle momento, foi bem outra e bem curiosa.

— Meu amigo... Eu queria que meu coração conseguisse amá-lo! Juro que queria!

Houve uma pausa e êle esperou, cavalheiro como sempre. Depois ela continuou.

— Você me pediu que fosse sua esposa. Palavra, sinto-me mais feliz em o ser do que você mesmo pode imaginar. O que peço a você, meu amigo, meu grande amigo, é que não espere paixão de mim. Eu saberei amá-lo com doce carinho e com suave enternecimento. Talvez um dia venha o amor...

— Mas, minha querida, não acha você que isso já é esplendido, para um começo?...

A sua resposta foi simples, branda e boa como todos os seus atos.

— Se você realmente consente, deixe-me oferecer um jantar e participar isto a todos.

Ela quis pedir mais tempo para pensar. Mas venceu a sua irresolução e, depois, deixou que êle se aproximasse e, grato, lhe beijasse delicadamente a mão.

Na noite em que ia anunciar o seu noivado, La Bessière subiu ao quarto de Amy e encontrou-a quasi pronta para descer. Quando, depois de lhe pedir que se apressasse, ia sair, ela o segurou por alguns instantes e lhe disse.

— Você é tão bom, La Bessière, meu grande amigo. Se soubesse o quanto eu lhe tenho gratidão...

La Bessière beijou-lhe ambas as mãos. Ainda não achava momento oportuno para lhe tocar os labios.

Depois, pensando em qualquer cousa, acrescentou:

— Amy. Queria que me dissesse apenas uma cousa para minha propria tranquilidade. Amanhã devem regressar os remanescentes da Coluna Cezar, quasi completamente desbaratada no deserto. Se êle voltar, Amy, fará isso alguma diferença no seu futuro, na sua vida?...

Amy pensou, ligeiramente. Absolutamente calma, profundamente sossegada, respondeu.

— Vivo ou morto, La Bessière, não deve merecer o menor dos seus cuidados.

Desceram logo em seguida para o jantar que ia servir para a introducção definitiva de Amy na vida de Georges La Bessère.

Ao Campagne, quando o coronel comandante dos Legionarios fazia o seu discurso, saudando a felicidade que La Bessière afirmava ter, ao lado daquela mulher, Amy, até então profundamente atenta e intimamente orgulhosa de si mesma, satisfeita em poder pagar com gratidão eterna a gentileza daquêle homem, começou a ouvir, distante, o rumor de tambores que se aproximavam. A principio indistintos, depois mais claros e mais claros ainda. O seu instinto rebelou-se contra aquela apatia em que se achava. Resistiu o mais que lhe foi possivel. Machucou medonhamente as unhas, agarrando-se ás bordas da poltrona em que estava. Arrancou o colar do pescoço, nervosa e as perolas do mesmo espalharam-se pela sala toda. Depois, diante dos convidados boquiabertos, ouvindo sobre os ouvidos apenas o barulho dos tambores, já alí na rua Ali Hassan, mesmo, não ouviu mais nada e nem pensou mais cousa alguma.

Amalucada, ergueu-se e sem dar conta do que ia ao redor de si mesma, atirou-se para a rua e ao primeiro soldado ferido, derrotado, que encontrou diante de si, perguntou num berro surdo que mais parecia a loucura verdadeira:

— Tom!!! Onde está Tom?...

Viu o sargento. Atirou-se a êle, quasi brutal:

— Onde está o americano Tom Brown?... Morreu? Onde está êle?...

— Não. Deixamo-lo no Hospital Amalfa.

— E êle está ferido, muito ferido?...

— E você?... Pensa que fomos para algum **pic-nic**?...

— E não mandou êle alguma mensagem para mim?

— Não.

Foi a resposta seca e breve que êle lhe deu. Voltou para casa. Entrou e dirigiu-se diretamente a La Bessière.

— Êle está ferido... Eu quero que me leves até a êle!

— Brown?...

Perguntou La Bessière.

— Sim. Deixaram-no num hospital, lá no deserto. Quero ir já, meu amigo!

La Bessière propoz que fossem no dia seguinte. Êle sentira profundamente aquilo que se passára, mas não havia geito de conter o impulso daquella mulher. Vendo-a irredutivel, acedeu e lhe disse:

— Bem, vista-se que irei consigo.

Pêlo caminho, em louca disparada, La Bessière não falava. Depois de longo silencio, foi Amy que cortou com uma frase:

— Meu amigo. Sei que isto o magôa imensamente. Acha-me ingrata, com certeza...

Êle apenas apertou a mão gelada que ela lhe estendia e não disse mais nada. Apertou-a com carinho e bondade.

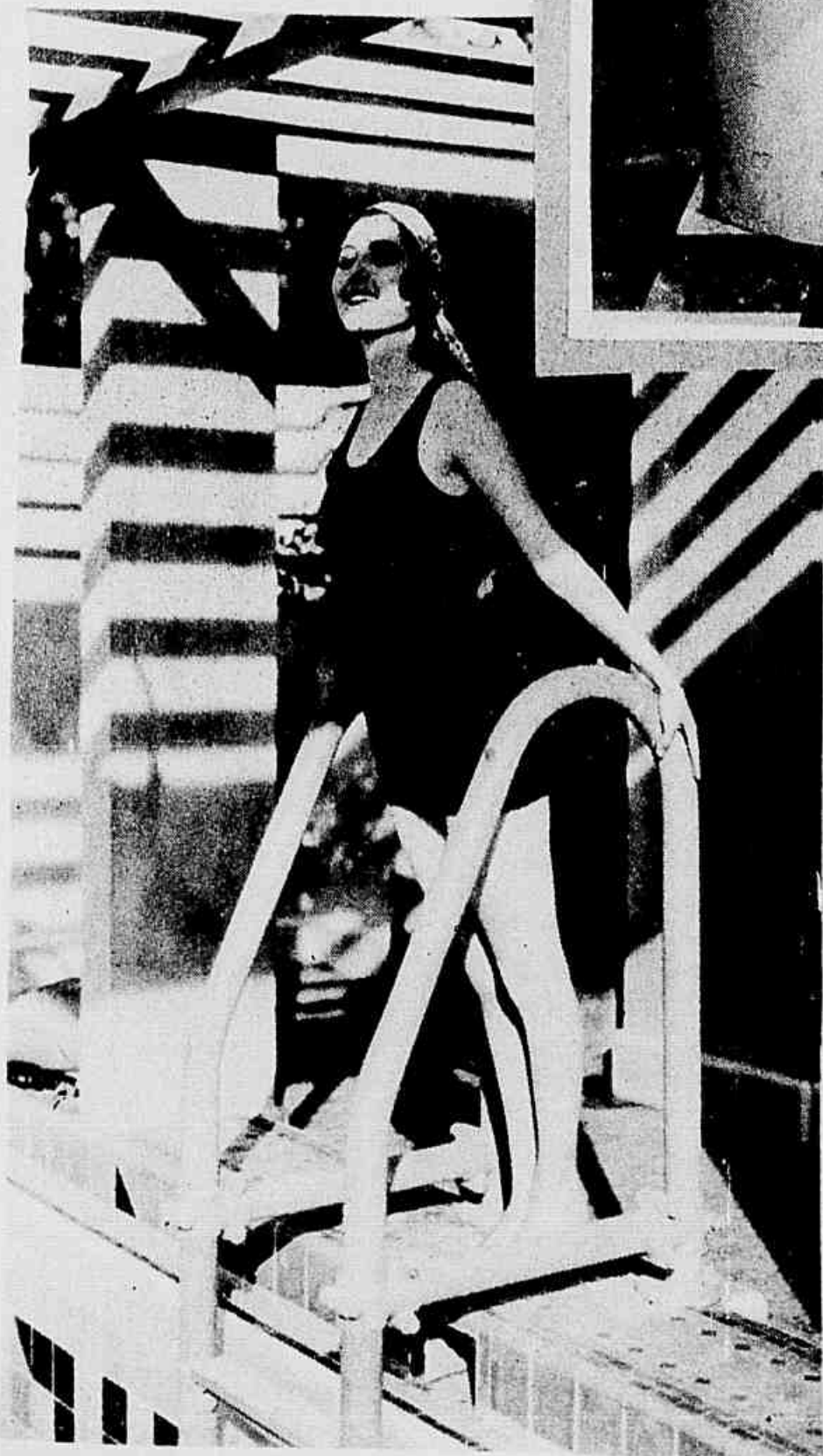
Quando chegou ao hospital, ferida como se lhe dessem uma pancada, soube ela que Tom fingira-se atacado de insolação, para não voltar. Quem lhe contava isto era Jim, amigo dêle, e que lhe dizia que êle fôra se divertir ao café Christine.

(Continúa)

Um sorriso de Hollywood

MARION SHILLING

que a Paramount apresentou

Shilling, não.
Marion
um milhão
de dollars!

São as mulheres menos fieis do que os homens?

(F I M)

Irene Rich e Louise Fazenda, ambas, acham que divide-se o caso da fidelidade.

— O conforto e o amor constante e fiel de um homem traz a fidelidade incorrútivel para a mulher. Quando isto não se dá, espontaneamente ela sente o desejo de se vingar...

— O homem é mais sem caráter, afirma Louise Fazenda, — mas já é habito não censurar os homens, por isto prefiro ficar por aqui...

✣ ✣ ✣

Edmund Lowe acha que, ha anos, quando a mulher ainda dependia do homem, era muito menos infiel do que o é hoje. A igualdade, nestes nossos dias, é absoluta. Se um homem é um **Don Juan**, póde-se tornar a mulher, perfeitamente, uma **Dona Juana** e isto não a condena, em absoluto... Pessoalmente, entretanto, eu acho que não ha homem, no mundo, que tolere uma mulher infiel. E os homens decentes, todos, sabem dar o melhor valor e o mais vêemente aplauso á mulher honesta.

✣ ✣ ✣

São de Ramon Novarro os seguintes comentarios:

— Constancia é uma cousa que hoje em dia não existe. Faz parte do passado. Não ha Jacó moderno que sirva Labão, sete anos, sem transigir, para conseguir o amor de Raquel. Agora, no primeiro ano Jacó manda Labão áás favas e arranja, logo de saída, uma duzia de Raqueis... Tanto elas como êles, são moralmente deselegantes quando se tráem. Mas ha maior fidelidade da parte da mulher do que do homem.

✣ ✣ ✣

Mary Brian acha que os homens são sempre crianças que precisam de mimos e carinhos. Uma mulher ama um homem. Êle, infantil como sempre, toma liberdades, falta ao prometido e é terrivelmente infiel. Quem paga pela responsabilidade do máu passo é fatalmente a mulher...

✣ ✣ ✣

Kay Francis:

— Acho os homens infieis de corpo e alma. As mulheres, entretanto, apenas ìnfieis em pensamento.

✣ ✣ ✣

Richard Arlen acha que os homens são menos fieis do que as mulheres.

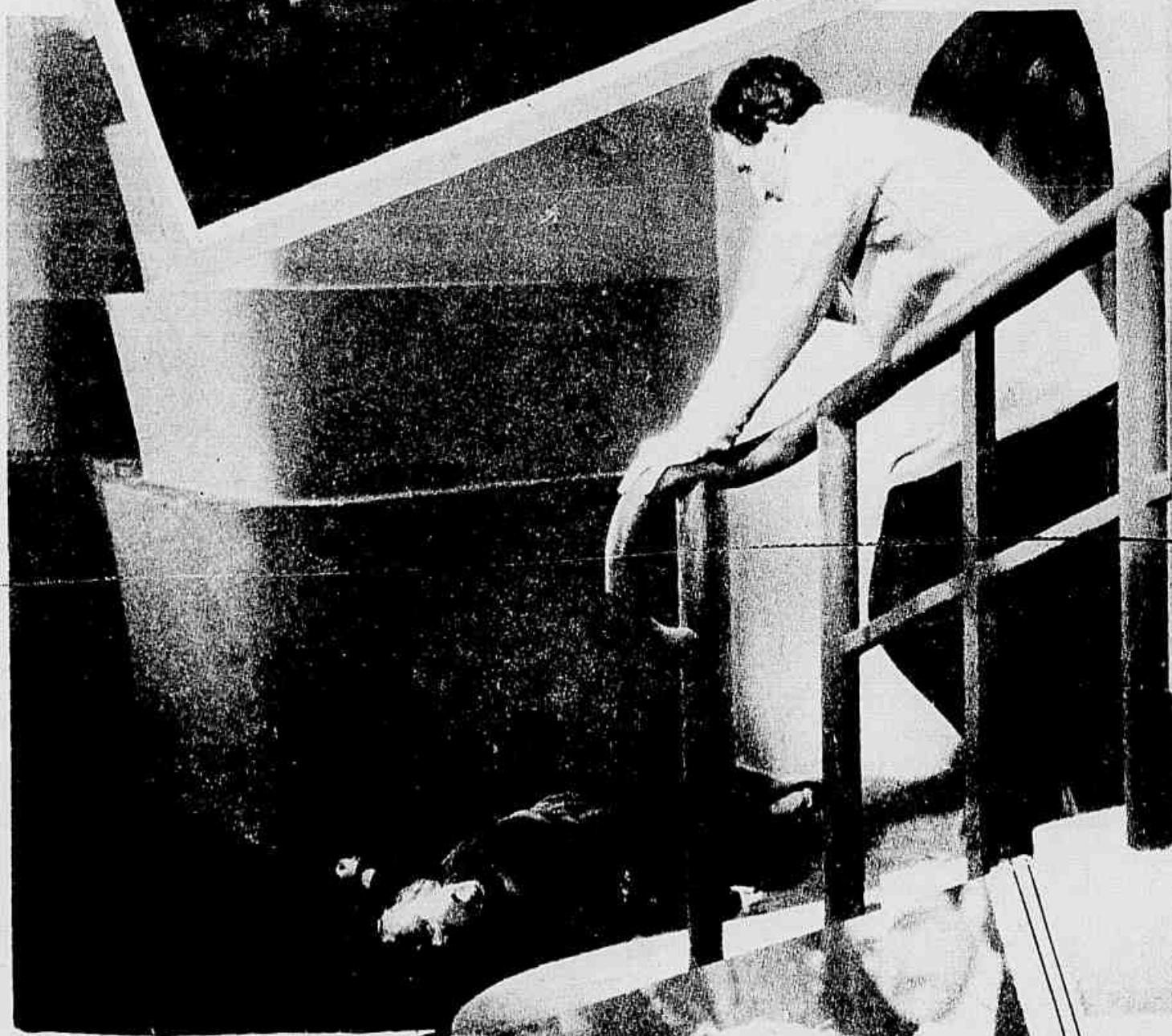
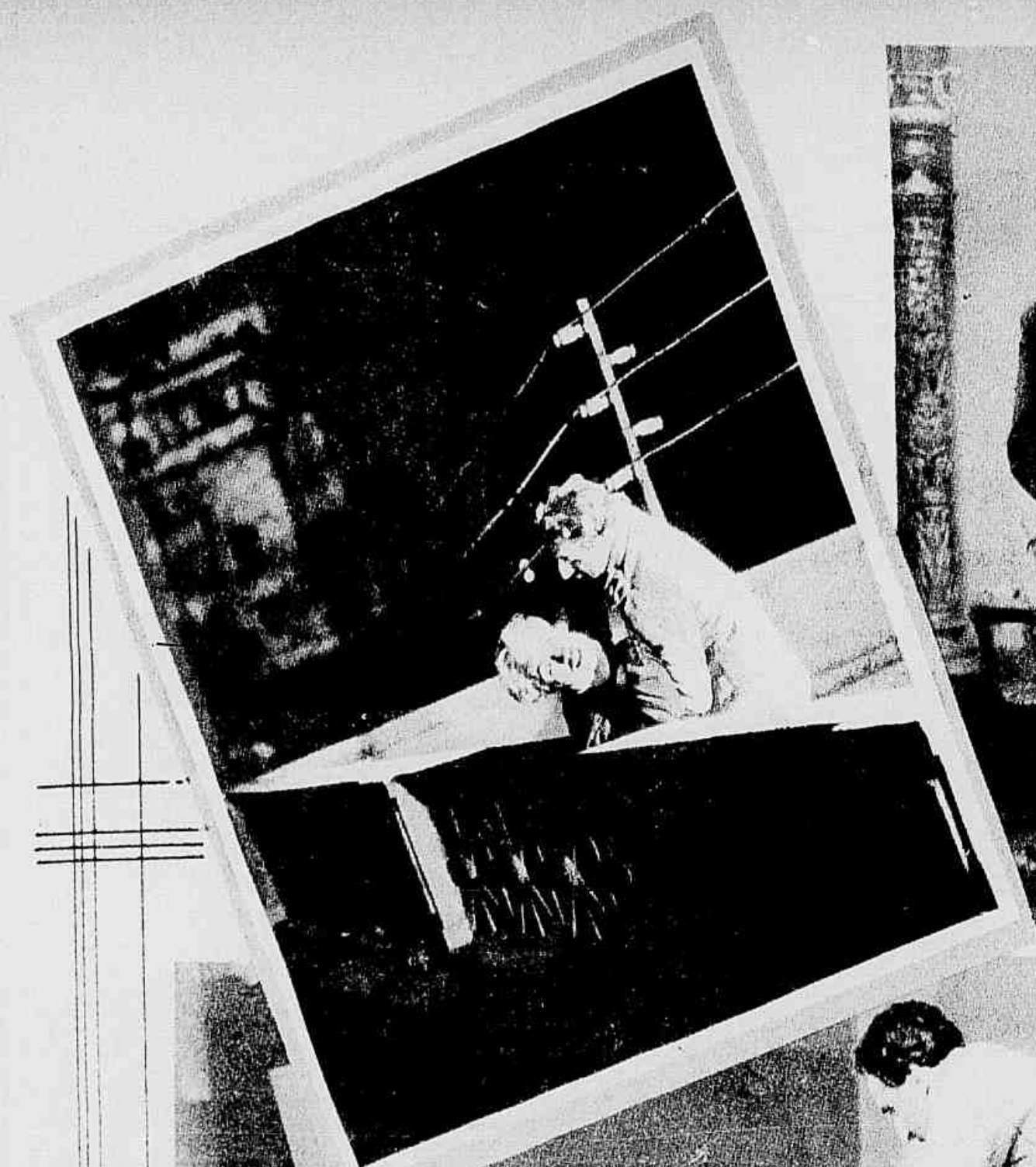
— Só somando os assaltos que á "mulher do proximo" faz um homem casado, basta para averiguar sobre o caso.

✣ ✣ ✣

Natalie Moorhead:

— O tempo nos tem ensinado que o melhor alimento para o homem é a intriga. Da mesma nasce a difamação e, desta, a falada infidelidade feminina...

✣ ✣ ✣

Eis alguns julgamentos de **estrelas** e **astros** sobre o problema serio da fidelidade..

MARIA JACOBINI

GEORGIO BIANCHI

CENAS DO FILM "LA SCALA", DA CINES

Enfermeiras de Guerra

(F I M)

que era impossivel a sua repatriação, naquéle momento, dão-lhe, um dia, um homem para cuidar. E' Robin. Vem mortalmente ferido e em seus braços, pedindo-lhe perdão pela sua infamia, morre, minutos depois.

Doente, moralmente abalada, Joy é readmitida no acampamento Whitney, porque já não é mais do que uma miseravel que de cuidados precisa, em vês de cuidar de outros... Tempos depois nasce-lhe o filhinho e, com mais este sucesso, torna-se ela radicalmente demente, morrendo tempos depois, victima da sua abnegação e da sua crença no amor e na palavra de um homem...

Babs, que ama Wally, um rapaz digno e decente, aceita o filhinho de Joy e, ao terminar a guerra, casam-se. Wally sem duvida, investira, em momentos de alucinação contra a decencia do procedimento impecavel de Babs. Mas o exemplo de Joy frutificára. Ella reagira, intelligentemente e fizera-lhe comprehender que não era possivel aquillo que sua loucura planejava.

———

E é este o tema do film. O estado anti-moral dos homens, na guerra, que os fazem perder o controle sobre si mesmos, tornando-os peores do que bestas féras e o sacrificio das mulheres que os amam e, fracas, umas, mais fortes, outras, lutam mais contra os seus beijos e contra seus carinhos ousados, do que contra a propria guerra e as miserias das mutilações...

As dez mais adoraveis de Hollywood

(F I M)

acolhimento do seu todo. Acho-a simplesmente fantastica.

Marlene Dietrich é de uma vitalidade tremenda. Jamais vi mulher alguma que desse tão forte impressão de perfeita saúde, quanto ela dá. E, nesse particular, esplendida.

Dolores Del Rio tem a beleza mais exquisita para se analisar que já encontrei. Tem fórmas perfeitas e tem muito do mysterioso feitiço do corpo latino.

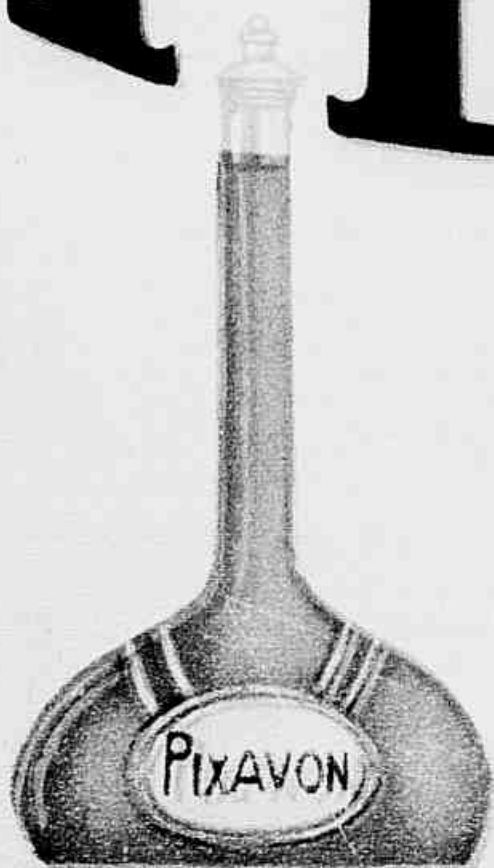
O que torna Ruth Chatterton adoravel, é a sua mentalidade elevadissima. Qualidade, esta, sem duvida, que a eleva muito mais do que seus meritos fisicos. Ella irradia intelligencia.

Sydney Fox, a ultima da minha lista, é a mulher mais romantica do Cinema. Ella é, mesmo, a figura personificada da aventura, do romance. Esplendida!

Pensem bem, mas muito bem, mesmo, e, depois, quando o cerebro já tiver mastigado sufficientemente a razão, digam-me se não fui perfeitamente razoavel em todos os meus commentarios.

THE SINGLE SIN (Tifany) — Não ha nada de novo na historia. Kay Johnson é a mulher e Bert Lytell o galã do film. Mathew Betz um vilão muito convincente. Paul Hurst é o burrissimo companheiro de Bert e sáe-se bem. Um bom film. Tem drama, comedia, sentimentalismo e tudo quanto queira.

THE CONQUERING HORDE (Paramount) — Dêm um cavalo, um bom revolvér e oportunidades a Richard Arlen e deixem-no a vontade que êle vos divertirá. E' o que acontece com este film, um bom passa-tempo. Fay Wray é a pequena. Póde ser visto perfeitamente.

SALLY EILERS
CINEARTE

PIXAVON
Minha senhora,
a moda actual exige não só que se accentue a linha do corpo, mas tambem que se use os cabellos cortados "á la garçonne", innovação graciosa e original que completa harmoniosamente a silhueta.
Mas, para obter este conjuncto harmonioso, não basta cortar os cabellos, é necessario que se possua uma cabelleira farta, flexivel e brilhante.
Este alvo que tantas moças buscam em vão, V. Exa. poderá alcançar lavando seus cabellos, habitualmente, com PIXAVON, sabão liquido de alcatrão, conhecido e usado em todo mundo e que lhes dará a belleza, o brilho e a flexibilidade que permitte obter as encantadoras ondulações tão desejadas por todas as senhoras.
E' ao PIXAVON que as senhoras de hoje devem, em parte, as homenagens que lhes são rendidas, porque é elle que lhes completa a belleza e graça, dando-lhes uma cabelleira digna de ser apreciada e até invejada.
O PIXAVON é o unico no seu genero, e nenhum outro preparado de sabão liquido de alcatrão o substitue. Tanto para seu uso em casa como no cabellereiro, exija sempre a marca
PIXAVON.
O PIXAVON é vendido em vidros originaes, fechados.
PIXAVON